

PAULA DA ROCHA GOMES OLIVEIRA

O período de adaptação no processo educativo:
um levantamento bibliográfico e metodológico

Campinas
2011

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

PAULA DA ROCHA GOMES OLIVEIRA

O período de adaptação no processo educativo: um levantamento bibliográfico e metodológico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Selma de Cássia
Martinelli.

Campinas
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

OL4p

Oliveira, Paula da Rocha Gomes.

O período de adaptação no processo educativo: um levantamento bibliográfico e metodológico / Paula da Rocha Gomes Oliveira. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Selma de Cássia Martinelli.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Adaptação escolar. 2. Níveis de ensino. 3. Escolarização. 4. Processo educativo. I. Martinelli, Selma de Cássia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

11-197-BFE

Dedico este trabalho a todos os professores e educadores, que tem ânsia pelo conhecimento e por promover o desenvolvimento social, intelectual e afetivo das crianças e jovens.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado força e disposição para abordar o tema e levá-lo até o fim.

Em especial à Professora e Orientadora Dra. Selma de Cássia Martinelli, por ter me orientado, apoiado e, pacientemente, me instruído em cada passo deste projeto.

Agradeço aos meus pais pela educação e pela formação que me passaram ao longo de todos estes anos e, também, pelo apoio deferido em todos os momentos. Aos meus irmãos, cunhados e, em especial, as minhas sobrinhas pelo carinho e momentos de descontração.

Ao meu esposo, ao qual agradeço grandemente pela compreensão e paciência que tem tido nos momentos de isolamento intelectual e momentos de angústia pelos quais tenho passado, e por ter me ajudado e apoiado nesta jornada.

Agradeço também a todos os professores da Faculdade de Educação da Unicamp pelos grandes momentos de produção intelectual e pela formação ofertada.

E, por fim, agradeço aos meus colegas de faculdade pelo carinho e pela companhia em todos os momentos de sala de aula.

RESUMO

OLIVEIRA, P. R. G. *O período de adaptação no processo educativo: um levantamento bibliográfico e metodológico*. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, 2011.

Considera-se que o ingresso escolar, bem como as mudanças de níveis de ensino, apresenta circunstâncias ou demandas novas que exigem dos sujeitos um período adaptativo, se constituindo como um momento importante para o desenvolvimento infantil e do indivíduo, na instituição educativa. Pontua-se ainda que, um indivíduo adaptado tem melhores condições de se sair bem no processo educativo e na vida como um todo, já que é capaz de lidar com as novas demandas e desafios que cada nova etapa irá impor. Sendo assim, este trabalho de Conclusão de Curso, de caráter exploratório, tem por objetivo realizar um levantamento bibliográfico sobre os estudos relacionados ao período de adaptação escolar, nos vários níveis de ensino, e analisar as referidas produções. Como Fonte de pesquisa foram consultadas bases de dados de periódicos nacionais além de livros e outras fontes de divulgação. O estudo mostrou que, apesar da importância e relevância deste processo, para a formação e desenvolvimento dos indivíduos em seu processo de escolarização, as produções e estudos sobre esse tema tem sido escassos, chegando a ser insuficientes, se pensarmos em cada nível de ensino. Sendo assim, apesar da dificuldade em se mensurar quantitativamente o grau de adaptação de bebês e crianças pequenas em creches e pré-escolas, os estudos encontrados estão, em sua maioria, centralizados na educação infantil e, posteriormente, no ensino fundamental. Não foram encontrados estudos relativos ao ensino médio, e poucos focaram o ensino superior, o que se mostrou como uma lacuna de pesquisa significativa.

Palavras-chave: adaptação escolar, inserção escolar, mudança de ciclo, transição ecológica.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
1. BASES TEÓRICAS	3
1.1 BASES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA ADAPTAÇÃO HUMANA ...	4
1.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ADAPTAÇÃO ESCOLAR	15
2. OBJETIVOS	19
3. MÉTODO	20
4. RESULTADOS	21
4.1 Produções em Educação Infantil	22
4.2 Produções em Ensino Fundamental	26
4.3 Produções em Ensino Médio	39
4.4 Produções em Ensino Superior	30
5. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Meio ambiente (Bronfenbrenner, 1996)	5
--	---

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Nível de Ensino x Tipo de produção	21
Tabela 2. Tipo de publicações em Educação Infantil	22
Tabela 3. Relação de artigos científicos x quantidade x ano	23
Tabela 4. Distribuição geográfica dos periódicos e publicações	24
Tabela 5. Instrumentos de coleta de dados utilizados	25
Tabela 6. Tipo de publicações em Ensino Fundamental	26
Tabela 7. Relação de artigos científicos x quantidade x ano	27
Tabela 8. Distribuição geográfica dos periódicos e publicações	27
Tabela 9. Instrumentos de coleta de dados utilizados	29
Tabela 10. Relação de artigos científicos x quantidade x ano	30
Tabela 11. Distribuição geográfica dos periódicos e publicações	31
Tabela 12. Instrumentos de coleta de dados utilizados	32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Quantidade de material encontrado	21
Gráfico 2. Distribuição temporal	23
Gráfico 3. Relação de produções teóricas e empíricas	24
Gráfico 4. Quantidade de instrumentos de coletas de dados utilizados por produção	26
Gráfico 5. Distribuição temporal	26
Gráfico 6. Relação de produções teóricas e empíricas	28
Gráfico 7. Quantidade de instrumentos de coletas de dados utilizados por produção	29
Gráfico 8. Distribuição temporal	30
Gráfico 9. Relação de produções teóricas e empíricas	31

APRESENTAÇÃO

A partir de uma experiência pessoal de estágio em uma creche pública vinculada a Universidade Estadual de Campinas, surgiu o interesse em investigar o período de adaptação no processo educativo, porque, percebeu-se que o ingresso escolar, bem como as mudanças de níveis de ensino, apresenta circunstâncias ou demandas novas que exigem dos sujeitos um período adaptativo, se constituindo como um momento importante para o desenvolvimento infantil e do indivíduo na instituição educativa. Considera-se que um indivíduo adaptado tem melhores condições de se sair bem no processo educativo e na vida como um todo, já que é capaz de lidar com as novas demandas e desafios que cada etapa irá lhe impor. No entanto, a divulgação de informações de senso comum sobre este período, a ausência de informações e de experiências concretas sobre o mesmo que pudessem embasar e provocar uma reflexão crítica da prática cotidiana e um maior esclarecimento sobre as dificuldades deste período na vida escolar, e a pouca quantidade de produções acadêmicas em nível nacional apontam o tema da adaptação escolar como um campo de pesquisa a ser explorado, sendo propício e altamente produtivo levantar os principais resultados de pesquisas já realizados, bem como apontar as lacunas e os novos caminhos a trilhar, sendo estes os grandes motivadores para este estudo.

Como consequência, quando pensou-se em desenvolver o tema adaptação escolar como projeto de pesquisa, cogitou-se a hipótese de restringir o estudo aos primeiros dias de ingresso na educação infantil e aos anos iniciais de escolarização por se pensar que falar sobre período de adaptação escolar tivesse maior relevância e desempenhasse maior influência no desenvolvimento humano se estivesse inserido nos períodos escolares mencionados, porém, a pesquisa bibliográfica revelou dois aspectos importantes a serem considerados. Primeiramente as pesquisas acadêmicas que tem abordado o tema da adaptação escolar, apesar de não serem abundantes, têm sido desenvolvidas exatamente dentro destes dois períodos; e, conseqüentemente, destaca-se que há uma carência de pesquisas sobre adaptação escolar nos demais níveis de ensino.

Sendo assim, este Trabalho de Conclusão de Curso optou pelo levantamento bibliográfico sobre a adaptação no ambiente escolar, independente do nível de ensino, e a análise de estudos empíricos realizados sobre esta temática, por considerar importante o agrupamento dos estudos já realizados como uma forma de, a partir dos dados e

informações levantadas, contribuir para futuras pesquisas acadêmicas. Para tanto, serão considerados na análise desses estudos os vários ciclos educativos, que vão do berçário até a universidade, e analisados e discutidos a parte metodológica, os principais resultados e as possíveis lacunas reveladas nestas pesquisas.

Assim, tem-se por objetivo realizar um estudo sobre os artigos indexados em revistas científicas e trabalhos acadêmicos que abordem o período de adaptação ocorridos em creches, pré-escolas, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, a partir dos primeiros dias de ingresso na instituição, tendo como foco o desenvolvimento do indivíduo. Apesar da reconhecida importância da tríade escola, família e criança, principalmente nos anos iniciais da educação, e de outros aspectos que envolvem o processo de adaptação escolar, este trabalho esbarra em limites que impedem a discussão de tais aspectos e o faz ser sucinto e de caráter exploratório. Dessa forma, realizar-se-á um levantamento bibliográfico sobre os estudos que se detiveram a olhar para o período de adaptação escolar nos diferentes níveis de ensino tendo como foco principal a criança ou o sujeito educativo.

Para melhor entendimento do tema e de todo o processo de construção deste trabalho, ele foi subdividido em quatro partes. Na primeira, apresentar-se-á as duas bases teóricas que dão suporte a pesquisa: primeiramente a teoria *Ecológica do Desenvolvimento Humano* proposta por Urie Bronfenbrenner (1996) e, posteriormente, a teoria do *Desenvolvimento Humano* e a *Evolução do Ciclo Vital* proposta por Erik H. Erikson (1987; 1976), ambas em intrínseca relação entre si e com o tema da adaptação escolar nos vários níveis de ensino. Em seguida, abordar-se-á o conceito de adaptação escolar e as várias concepções apresentadas pelas pesquisas acadêmicas e produções científicas.

Na segunda parte apresenta-se ao leitor os objetivos gerais e específicos deste trabalho e, em seguida, o método de pesquisa empregado. Na terceira parte, a qual estará subdividida em quatro tópicos referentes a cada nível de ensino, apresenta-se os resultados do levantamento bibliográfico realizado, mais especificamente os métodos, os instrumentos de avaliações empregados e os principais resultados dos estudos.

Por fim, na quarta e última parte, serão apresentadas algumas considerações finais e implicações educacionais.

1. BASES TEÓRICAS

A partir da análise dos estudos realizados sobre a temática da adaptação escolar elegeu-se como referencial teórico para sustentar e embasar esse estudo as teorias psicossociais do desenvolvimento humano propostas por Urie Bronfenbrenner e Erik H. Erikson, primeiramente por acreditar-se que tais autores se complementam em suas proposições teóricas e, conseqüentemente, conseguem abarcar a importância do processo de adaptação ao longo da vida e a necessidade de pensar-se sobre isso em relação com os vários meios sociais frequentados pelo indivíduo.

Urie Bronfenbrenner nasceu em 29 de abril de 1917 em Moscou, em um momento histórico conturbado e de profundas transformações políticas, econômicas e sociais. Mudou-se para os Estados Unidos ainda muito criança e, por lá, foi criado dentro da tradição judaica. Mais precisamente em Letchworth, Bronfenbrenner viveu com seus pais que trabalhavam em uma instituição rural para o tratamento de pessoas com retardo mental, seu pai como patologista clínico e diretor de pesquisa em instituições médicas. Neste ambiente, ele conviveu com pessoas de idade variando entre três e oitenta anos, o que acentuou seu contato com diferentes modos de viver e pensar. Formou-se em Psicologia e música pela Universidade de Cornell e, mais tarde, adquiriu o título de mestre pela Universidade de Harvard e de doutor pela Universidade de Michigan. Em seu percurso acadêmico sofreu grande influência de autores como Kurt Lewin, Ted Newcomb e David Levy, entre outros, que colaboraram com a construção e formulação dos pressupostos da *Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano*, a qual tem por princípio analisar o ser humano em contexto e em intrínseca relação com os vários meio ambientes pelos quais frequenta ou sofre influência. Uma pesquisa baseada nos pressupostos da Abordagem Ecológica precisa, necessariamente, abarcar o maior número de meio ambientes relacionados ao indivíduo ou, ao focar apenas um, ela não pode ignorar possíveis influências de outros meios.

Já o autor da teoria psicossocial do desenvolvimento humano, Erik Homburger Erikson, nasceu na Alemanha no dia 15 de junho de 1902. Filho de pais separados morou em casa de artistas até a idade de três anos, quando sua mãe casou-se com o seu pediatra, um judeu bem sucedido, que o educou e deu a ele seu segundo nome. Erikson concluiu os seus estudos básicos e optou por não frequentar o ensino universitário devido sua inadequação ao ensino tradicional, preferindo o estudo da arte até por volta

dos seus 25 anos. Ao ser convidado a trabalhar em uma escola com pacientes que eram submetidos à psicanálise, conheceu Anna Freud que o introduziu e o interessou pelo estudo do desenvolvimento infantil, trocando a arte pelo estudo da natureza humana.

Tanto Bronfenbrenner quanto Erikson são autores que viveram até o final do século passado, o primeiro faleceu em setembro de 2005 e o segundo em maio de 1994, em constante produção de conhecimento e atuação nos meios acadêmicos, o que mostra a contemporaneidade e atualidade de pensamento de ambos, e a construção de conhecimento em sintonia com as mudanças políticas, econômicas, sociais e de paradigmas de nossa sociedade.

1.1 BASES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA ADAPTAÇÃO HUMANA

A teoria *ecológica do desenvolvimento humano*, proposta por Urie Bronfenbrenner, uma das bases de referência para esta pesquisa, adota como pressuposto para se compreender o desenvolvimento humano, pensá-lo em contexto e em intrínseca relação com os sujeitos e o meio ambiente. Nas palavras do autor,

“a ecologia do desenvolvimento humano envolve o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes, e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 18).

Dessa maneira pode-se afirmar que esta teoria, considera o indivíduo como estando em constante crescimento e em intensa relação com o meio, pelo qual é influenciado e o qual influencia e, o ambiente, local onde as pessoas podem interagir face a face, não está limitado ao contexto imediato do indivíduo e nem é único. Logo, para Bronfenbrenner (1996), o ambiente ecológico é constituído por diversos níveis que estão contidos um no outro, e que não necessariamente tem ação direta do indivíduo. Assim, no nível mais interno está o ambiente imediato contendo a pessoa em desenvolvimento, o próximo contém os ambientes simples e as relações entre eles. O terceiro refere-se às influências de ambientes não frequentados pela pessoa e o quarto, e último, refere-se ao ambiente cultural e subcultural.

Cada nível ambiental é nomeado e caracterizado da seguinte forma. O nível mais imediato é chamado de microssistema que é um determinado ambiente de características físicas e materiais específicas no qual o indivíduo mantém um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais com outros indivíduos e com o meio, por exemplo, o

ambiente familiar, a escola, a comunidade, o trabalho, etc.; o segundo nível é chamado de mesossistema que se caracteriza pelas inter-relações estabelecidas entre dois ou mais ambientes frequentados pelos indivíduos em desenvolvimento, portanto relações entre microsistemas; o terceiro nível é chamado de exossistema e refere-se a ambientes não frequentados pelo indivíduo em desenvolvimento, mas que o afeta, ou são afetados por ele. Como exemplo deste terceiro nível, pode-se citar o local de trabalho dos pais para uma criança pequena. Por fim, o quarto nível, chamado de macrosistema, se refere às características culturais e subculturais que definem os meio ambientes sociais tais como eles são.

“(…) dentro de uma dada sociedade – digamos, a França – uma creche, sala de aula, *playground* do parque, café ou agência de correio são muito parecidos e funcionam de modo muito semelhante, mas todos diferem de seus equivalentes dos Estados Unidos. É como se em cada país os vários ambientes tivessem sido construídos a partir do mesmo conjunto de plantas ou esquemas (...). Mas também existem padrões consistentes de diferenciação dentro de cada uma dessas sociedades. Em ambos os mundos, as casas, creches, bairros, ambientes de trabalho e as relações entre eles não são as mesmas para as famílias abastadas e para as famílias pobres. Esses contrastes intra-sociais também representam fenômenos de macrosistema.”
(BRONFENBRENNER, 1996, p. 21.)

A figura a baixo representa os diferentes níveis do ambiente ecológico proposto por Bronfenbrenner.

Teoria da ecologia do desenvolvimento humano

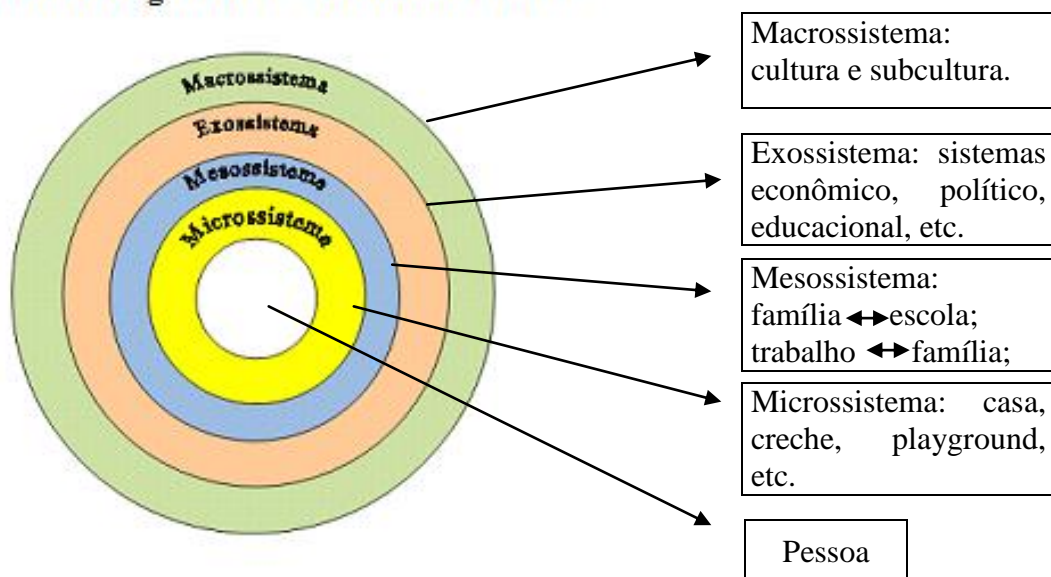


Figura 1. Meio ambiente (Bronfenbrenner, 1996)

De acordo com o autor, cada indivíduo frequenta um ou vários microsistemas concomitantemente, que podem ser a casa, a escola ou o trabalho, por exemplo, e nestes desempenha papéis que representam, pela perspectiva das ciências sociais, “uma série de comportamentos e expectativas associadas a uma posição na sociedade” (BRONFENBRENNER, 1996, p.21). No entanto, cada microsistema não está isolado de outros, pois, influencia e é influenciado pelo indivíduo e pelos demais meios ambientes frequentados, o que constitui o mesossistema. O indivíduo também sofre influência de meios ambientes não frequentados por ele mas frequentado por pessoas que se relacionam com ele, o que constitui o exossistema. A criança, por exemplo, não tem relação direta com o microambiente de trabalho dos pais, no entanto, é afetada por este meio diariamente. Sendo assim, a possibilidade de pais exercerem um papel efetivo na educação de seus filhos dependerá do estresse, da exigência de outros papéis e do apoio social, oriundos de outros meios. Por fim, o macrosistema se constitui pelos elementos da cultura e subcultura que definem os microsistemas e, conseqüentemente, a sociedade. Assim, quando comparados, os ambientes de uma mesma cultura ou subcultura, os quais compõem o microsistema, tendem a ser semelhantes, no entanto, são distintos quando comparados a outra cultura. Por exemplo, o ambiente escolar de uma escola do município de São Paulo tende a ser muito semelhante se comparado com qualquer outra escola de outro município do estado de mesmo nome, no entanto, é bem diferenciado se comparado a qualquer escola contida em um estado do norte do País, pois entre si, apresentam subculturas distintas apesar de estarem contidos no mesmo país que, teoricamente, seria de cultura unificada.

Quando um indivíduo é inserido em um novo microsistema, que pode ser uma mudança de emprego, de escola, de turma, de cidade, ou quando muda seu status social para exercer a função de esposa, mãe, profissional, ocorre uma transição ecológica, que é a mudança de papel ou ambiente, para todos os envolvidos, já que o sistema é concebido por reciprocidade. Para Bronfenbrenner (1996) são estas transições pelas quais os indivíduos passam a todo o momento, ao longo de toda a vida, o fator propulsor de desenvolvimento por, primordialmente, envolverem uma mudança de papel, isto é, de reações comportamentais associadas ao meio físico e social. Sendo assim, o desenvolvimento corresponde a momentos de mudanças duradouras proporcionadas por transições ecológicas que faz com que cada indivíduo perceba o meio e saiba lidar com ele respondendo a suas demandas.

Para o autor, quando o indivíduo adquire uma concepção mais ampliada e consegue sobressair-se na execução de tarefas, tornando-se mais motivado e capaz de se envolver em atividades e ampliar suas relações sociais com o meio ambiente, diz-se que houve um desenvolvimento humano proporcionado por transições ecológicas, e como tal, reestruturação interna das habilidades psicossociais. Porém, “a capacidade de um ambiente – tal como o lar, a escola ou o local de trabalho – de funcionar efetivamente como um contexto para o desenvolvimento é vista como dependendo da existência e natureza das interconexões sociais entre os ambientes, incluindo a participação conjunta, a comunicação e a existência de informações em cada ambiente a respeito do outro” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 7). Amorim, Vitória e Rossetti-Ferreira (2000) salientam que para um contexto de desenvolvimento efetivo é necessário que haja estruturas dinâmicas, as quais se modificam através do tempo e que conta com o envolvimento dinâmico e efetivo de pessoas, as quais estarão em intensa bidirecionalidade e reciprocidade de influência.

Portanto, sob a luz da teoria ecológica do desenvolvimento humano, a todo o momento os indivíduos estão em processo de adaptação ao meio, as pessoas, aos objetos e ao tempo, sendo este processo o fator propulsor de desenvolvimento cognitivo, social e psicológico. Uma mudança de casa, de emprego ou nascimento de um filho, são exemplos de processos pelos quais os indivíduos passam ao longo de sua vida que exigem um tempo para a elaboração de estruturas psíquicas para lidar com as novas demandas do meio.

Da mesma maneira pode-se afirmar que, o ingresso do bebê e da criança pequena no ambiente educativo, assim como as passagens de níveis de ensino até o ingresso na universidade, também deve ser considerado como período de transição, já que envolve mudanças de meio ambientes e/ou de papéis que impõe ao sujeito a necessidade de um período de adaptação às novas demandas físicas, acadêmicas e sociais exigidas, sendo um período de desenvolvimento significativo, pois as estruturas adquiridas em cada fase alicerçará a seguinte e assim, sucessivamente. Autoras, como Marturano, Trivellato-Ferreira e Gardinal (2009), que estudam o período de adaptação na transição para o primeiro ano do ensino fundamental, trabalham com a idéia de transição como um período de tensões cotidianas, conhecidas na literatura científica como “*hassles*”, e “definidas como ‘exigências ou demandas irritantes, frustrantes, perturbadoras, que em certo grau caracterizam as transações diárias com o ambiente’” (KANNER *et al.*, 1981, *apud* TRIVELLATO-FERREIRA *et al.*, 2009, p. 94). Ou seja,

são situações de desconforto social, cognitivo e psicológico promovidos por um meio ambiente desconhecido.

Cada fase da vida nos impõe novas demandas e desafios, e as novas interações que estabelecemos com os demais nos obrigam a buscar novas adaptações. Porém, o processo de transição ecológica em foco, ou seja, o ingresso em creche e/ou pré-escola, no ensino fundamental, médio e superior, os quais exigem um período de adaptação devido às mudanças de meio ambiente e/ou papéis, coincidem com fases importantes de desenvolvimento humano e formação da identidade. Neste sentido, os estudos realizados por Erik H. Erikson, sobre o desenvolvimento humano e a evolução do ciclo vital, nos mostram que a síntese da vida está na formação da identidade psicossocial e de interação com o mundo. Assim, o autor formulou a existência de oito fases, das quais veremos apenas as cinco primeiras devido à intrínseca relação com o tema, interdependentes de desenvolvimento – a saber: confiança básica x desconfiança básica; autonomia x vergonha e dúvida; iniciativa x culpa; indústria x inferioridade; identidade x confusão de papel; intimidade x isolamento; generatividade x estagnação; integridade do ego x desesperança - que são marcadas por crises psicossociais de formação consciente e inconsciente do ego, logo, da identidade. Sendo que a palavra *crise*, para Erikson (1987), não tem o sentido de catástrofe, mas sim, como um ponto decisivo, crucial.

Constantemente os indivíduos se vêem em um momento de crise potencial por causa de uma mudança radical de perspectiva, para a qual necessitam adquirir estruturas cognitivas e psicológicas para ‘estar bem’. Segundo Marie Jahoda,

“uma personalidade saudável domina ativamente o seu meio, demonstra possuir *uma certa unidade de personalidade* e é capaz de *perceber corretamente* o mundo e ela própria, então está claro que todos esses critérios se relacionam com o desenvolvimento cognitivo e social da criança” (*apud* ERIKSON, 1987, p. 91)

Entendemos que a importância da adaptação nos primeiros dias de ingresso em uma instituição escolar se dá devido à complexidade do ingresso da criança em um meio ambiente estranho e que exigirá dela novas estruturas psicossociais e cognitivas para lidar com as novas demandas acadêmicas e sociais do meio. Pode-se dizer que a adaptação em diferentes etapas da vida acontece também, com a entrada da criança na creche, posteriormente, na pré-escola e assim sucessivamente, até o ensino superior.

No entanto, apesar de os estudos focarem principalmente na entrada da criança na escola, compactuamos com Erikson (1987) quando este afirma que já nos primeiros anos de vida ocorre a primeira crise psicossocial, chamada pelo autor de confiança básica x desconfiança, e, poderíamos acrescentar, o primeiro desafio de adaptação pela qual passam os indivíduos, uma vez que esta situação impõe às crianças o primeiro contato social com o meio, pois, a partir da ruptura do cordão umbilical, o bebê depende dos cuidados de outrem, neste caso um adulto que supra suas necessidades mais básicas, como a alimentação, e lhe dê o acolhimento, condições estas que exigem novos padrões de conduta.

Neste momento a confiança básica esta em formação, e caso o bebê sinta-se privado, dividido e abandonado poderá produzir o sentimento de desconfiança básica. O sentimento de confiança básica é construído a partir da constância e da qualidade do atendimento das necessidades básicas do bebê pelo adulto cuidador e, a partir disso, da confiança em si próprio e no controle de seus próprios órgãos frente aos seus impulsos e anseios.

“As mães criam em seus filhos um sentimento de confiança por meio daquele tipo de tratamento que em sua qualidade combina o cuidado sensível das necessidades individuais da criança e um firme sentimento de fidedignidade pessoal dentro do arcabouço do estilo de vida de sua cultura.” (ERIKSON, 1976, p. 229)

No entanto, é fato que hoje em nossa cultura as crianças ingressam cada vez mais cedo em creches ou pré-escolas e, nesta fase, a criança ainda não se percebe como um ser independente da mãe, logo, segundo Klaus (2000, *apud* TOURINHO, 2005), é comum o sentimento de medo da criança frente à separação materna. Para o autor, ensinar a dar tchau ou brincar de esconder, são algumas das formas de trabalhar o sentimento de ausência e permanência para minimizar os efeitos da separação precoce e favorecer o período de adaptação. Autores, como Vitória e Rosseti-Ferreira (1993), Rapoport e Piccinini (2001), Gonçalves e Damke (2007) e Reda e Ujiie (2009), tem estudado sobre o período de adaptação em creches e pré-escolas, porém, dando maior ênfase na importância da tríade criança-família-escola no momento de acolhimento da criança à creche. O foco dado por estes autores esta na instituição educativa e no preparo dos profissionais para atuarem na acolhida das crianças nos primeiros dias de ingresso na escola e, na importância da relação família-escola neste momento.

Passado os desafios decorrentes da primeira fase do desenvolvimento psicossocial, Erikson (1987) descreve a segunda crise psicossocial, chamada de autonomia x vergonha e dúvida. “Toda esta fase se converte, (...), numa *batalha pela autonomia*. Enquanto se prepara para manter-se ereta, apoiando-se mais firmemente em seus próprios pés, a criança também aprende a delinear seu mundo como ‘eu’ e ‘tu’, e ‘meu’ e ‘a mim’” (ERIKSON, 1987, p. 109). Ações como rechaçar a mãe e aninhar-se em seu colo, atirar objetos pela janela e acumular coisas, são atitudes reflexos dessa batalha travada pela criança em busca de sua autonomia.

“Não só uma autonomia com relação a estar adequado, a poder elaborar seus produtos, a retê-los ou doá-los livremente, a poder pôr-se de pé e desenvolver a autonomia muscular, como também é o primeiro momento em que se firma uma autonomia com relação ao vínculo original de dependência, ou seja, é o primeiro momento em que a criança pode se separar da mãe” (RAPPAPORT, FIORI & DAVIS, 1982, p. 25)

Por isso, para que a criança sinta-se segura em suas primeiras explorações, é importante que a confiança inicial esteja firmemente desenvolvida e que o meio a estimule em seu desejo de “fazer as coisas por si mesma” (ERIKSON, 1987, p.110). Em conjunto com o desenvolvimento da confiança básica, o desenvolvimento da autonomia é fator fundamental para que a criança tenha um bom processo de adaptação escolar pois, somente assim a criança conseguirá ficar longos períodos longe da figura de referência familiar, conseguirá estabelecer uma relação de afinidade com os educadores e estabelecer uma figura de referência no ambiente de creche e, por fim, engajar-se às novas demandas sociais e cognitivas.

Na terceira crise psicossocial proposta por Erikson (1987), a qual encerra o ciclo referente à educação infantil, a formação do sentimento de iniciativa está em jogo. Ao final dos três anos muitos aspectos estão bem estabelecidos; a criança consegue movimentar-se com maior precisão e rapidez, aumentando seu raio de ação, a sua linguagem está melhor desenvolvida e sua imaginação ampliada. Assim, segundo Erikson (1976) nesta fase a criança apresenta-se mais estimulada e estimulante, estando mais arguta em seu raciocínio, mais terna e mais confiante.

Com a evolução da estrutura locomotora, a criança passa a descobrir o que pode fazer, simultaneamente, com o que será capaz de fazer, pronta para visualizar-se tão grande quanto às pessoas a sua volta.

“A criança em nenhum tempo está mais disposta a aprender rápida e avidamente, a se tornar maior no sentido de compartilhar da obrigação e da

execução, que durante esse período de seu desenvolvimento. Esta ansiosa e apta para fazer coisas em cooperação, para juntar-se a outras crianças com o propósito de construir e planejar, e pressurosa por obter o maior proveito das lições de seus mestres e seguir o exemplo dos protótipos ideais” (ERIKSON, 1976, p.237)

Assim, devido à formação do sentimento de iniciativa a criança começa a buscar o mundo fora de casa, a fazer comparações e a desenvolver uma curiosidade sobre diferenças de sexo e idade. Erikson (1987) nos aponta que uma das características da criança nesta fase é tentar compreender o mundo e os papéis sociais desempenhados, principalmente os de maior importância e relevância para si mesmas, por isso ações de representar profissões que pode entender, como bombeiros, policiais, entre outros, são comuns nessa faixa etária. Conseqüentemente, a criança liga-se mais aos seus professores e a outros adultos referenciais, com o objetivo de observar e imitar.

Para Vitória e Rossetti-Ferreira (1993) nesta fase, que ocorre por volta dos três anos de idade, as reações às pessoas e coisas estranhas, assim como protestos contrários à separação dos pais, costumam ir decrescendo gradualmente a partir da aquisição da noção de tempo e espaço, e, também, pela facilidade em associar-se a outros adultos, o que favorece o período de adaptação. A aquisição da linguagem verbal também é um aspecto importante para esse processo, já que facilita a comunicação e o entendimento da criança com os pares e com os adultos. Assim, por esta gama de aspectos favoráveis, quando atingem a idade escolar, todas as crianças, independentemente da cultura, recebem algum tipo de instrução sistemática, que não necessariamente, e nem obstante, é ofertada apenas através da escola, porém, que irá introduzi-la no organograma social.

Este período de transição do ambiente familiar, que caracteriza-se por ser intimista, exclusivo e acolhedor, para um ambiente novo, coletivo, disciplinar e social, que é o ambiente institucionalizado, gera um desequilíbrio cognitivo e emocional, propício ao desenvolvimento individual, com a elaboração de estruturas necessárias a resolução das novas demandas do meio. Na educação infantil este processo pode ser atraente para a criança se amparada por um adulto de referência, no entanto, altamente aterrorizante se a criança sentir-se sozinha e desamparada, já que os sentimentos de confiança, autonomia e iniciativa estão em formação, e a criança em intensa relação de dependência com o adulto.

Sendo assim, acredita-se que o período de adaptação aos primeiros dias de ingresso em creche ou pré-escola é extremamente importante, fundamental e necessário

para o ajustamento do indivíduo as novas demandas proporcionadas por mudança de espaço, pessoas, rotina e objetos. No entanto, reafirma-se também, que o olhar para período de adaptação nesta fase não deve deter-se apenas aos primeiros dias de ingresso na instituição, pois, o período compreendido pela educação infantil coincide com as três primeiras crises psicossociais de formação da identidade o que requer do indivíduo em formação uma constante reestruturação interna em consonância com o ambiente externo.

A quarta crise psicossocial apresentada por Erikson (1987), e que se refere a formação do sentimento de indústria, nos remete a canalização da energia acumulada para adquirir conhecimento. O prazer está em produzir coisas que serão reconhecidas socialmente. No âmbito histórico-cultural de nossa sociedade, esta fase marca o início do processo de escolarização obrigatório. O perigo desta fase reside na instauração de um sentimento de inadequação e inferioridade decorrente do sentimento de incompetência frente às produções sociais e de inferioridade frente ao adulto referencial. Devido às inúmeras demandas exigidas pela escola, a criança pode sentir-se incapaz por considerar não saber fazer bem as coisas que aprendeu, frente a seus colegas e ao professor, o que “pode desencorajar sua identificação com o grupo e com um setor do mundo das ferramentas (...). É nesse momento que a sociedade maior se torna significativa em suas formas de fazer a criança participar de uma compreensão das funções importantes de sua tecnologia e economia” (ERIKSON, 1976, p. 239).

Para Erikson (1976) esta fase é socialmente a mais decisiva, pois a indústria implica em fazer coisas coletivamente e junto ao coletivo. As primeiras noções políticas, econômicas e sociais de divisão do trabalho e diferença de classe estão sendo desenvolvidas e a escola, a primeira instituição formal que delimita essas noções. Assim, o perigo também consiste nos fatores de exclusão que demarcam o indivíduo em sua função social, ou seja, fatores como cor de pele, qualidade das roupas, etc., e que podem ser mais decisivos do que o desejo e vontade do indivíduo em aprender e, conseqüentemente, na formação de sua identidade.

Portanto, assim como na educação infantil, o ensino fundamental também exige do indivíduo a construção de novas competências cognitivas e emocionais para dar conta das novas demandas sociais e exigências familiares inerentes a este nível de ensino. Para Marturano, Trivellato-Ferreira e Gardinal (2009), que tem investigado o impacto dos desafios enfrentados nos anos iniciais de ensino sobre as trajetórias futuras dos estudantes, há que se destacar a importância do ensino fundamental na elaboração

de estruturas de enfrentamento das dificuldades encontradas neste próprio nível, tanto no desempenho quanto nas relações estabelecidas, predizendo o progresso escolar nos anos subsequentes. Neste primeiro contato com um ambiente formal de ensino, podemos considerar como o principal desafio de aprendizagem o processo de alfabetização e letramento, o qual gera grande ansiedade nos pais e educadores e é fonte de estresse para as crianças. Porém, segundo pesquisas realizadas sobre fontes de estresse na 1ª série (RENDE & PLOMIN, 1992, *apud* MARTURANO et al., 2009, p. 94), as situações que mais estressavam as crianças estavam relacionadas com as relações interpessoais, como: ser alvo de agressão, provocação ou gozação dos colegas, ser repreendido pelo professor e ficar longe da mãe.

Assim, pode-se dizer que ao longo de todo o processo educativo vão ocorrendo transições ecológicas para diferentes microssistemas que até possuem característica em comum, já que pertencem ao mesmo macrossistema, porém, que são distintos em aspectos físicos, sociais, pedagógicos e metodológicos, os quais necessitam de um período de adaptação para acomodação das novas demandas. Assim, uma criança em fase de ingresso ao ensino fundamental, por exemplo, terá que “aprender a lidar com um novo ambiente, relacionar-se com adultos desconhecidos, conquistar aceitação em um novo grupo de iguais e enfrentar demandas acadêmicas mais desafiadoras” (MARTURANO, TRIVELLATO-FERREIRA & GARDINAL, 2009, p.93). Sendo considerado que, uma criança que não frequentou uma pré-escolarização poderá ter um período de adaptação muito mais intenso do que uma que frequentou, pois esta já se defrontou com uma diversidade de situações muito maiores proporcionados pelo período de transição pelo qual passou quando ingressou na educação infantil. Porém, ambas as crianças sofrerão mudanças de papéis, os quais envolvem novas demandas acadêmicas e sociais, que são diferentes das demandas da educação infantil, e assim, sucessivamente até o ensino superior.

Logo, nos estudos apresentados por Marturano, et al (2009), considera-se que as primeiras experiências em educação infantil ou ensino fundamental podem favorecer as crianças no processo de adaptação aos anos subsequentes. No entanto, é importante ressaltar que essas experiências passadas podem interferir tanto de forma positiva quanto negativa no processo educativo, já que dependerá da qualidade do acolhimento recebido e se houve um período de adaptação bem estruturado e contemplador das especificidades de cada faixa etária e de cada criança nos anos anteriores. Sendo assim, a importância de um período de adaptação, que não ocorra apenas nos primeiros dias de

ingresso na instituição de ensino, mas por longos períodos nos quais sejam avaliados os sujeitos e suas relações tanto no âmbito social quanto ambiental, são fundamentais para a aquisição de habilidades psíquicas e de formação da identidade psicossocial e que estruturam o indivíduo para as novas demandas e para a resolução de conflitos.

A quinta crise psicossocial apresentada por Erikson (1987), identidade x confusão de papéis, marca o fim da infância e o início da adolescência e, abarca o ingresso do jovem ao ensino médio e, posteriormente, ao ensino superior. Nesta etapa as crises das fases anteriores voltam a assolar o jovem devido à rapidez do crescimento, semelhante à infância, e a maturidade sexual. Portanto, segundo Erikson (1987), se a primeira crise psicossocial levou a formação da confiança em si e nos outros, agora o jovem busca algo e alguém em quem possa confiar ao mesmo tempo que desconfia ceticamente. Se na segunda fase desenvolveu uma certa autonomia, agora o jovem procura decidir sobre rumos a seguir e deveres a cumprir, ao mesmo tempo em que teme ser exposto ao ridículo ou à dúvida de si mesmo. Se na terceira fase desenvolveu uma certa ludicidade perante ao vir a ser, agora busca associar-se a pares e pessoas mais velhas que possuem um âmbito imaginativo às suas aspirações. Enfim, se a idade escolar desenvolveu um desejo por fazer e fazer bem feito, agora o jovem busca por uma profissão a qual exceda as questões financeiras e de *status*, e que traga satisfação pela excelência.

Esta é uma fase muito difícil para o desenvolvimento humano. É um momento divisor de águas, pois, o indivíduo deixa de ser criança e passa a assumir previamente as responsabilidades sociais de um adulto. Como nos diz Erikson (1976, p. 240), “crescendo e desenvolvendo-se, os jovens arrostam essa revolução fisiológica interior e, com as concretas tarefas adultas à sua frente, preocupam-se agora principalmente com o que aparentam aos olhos dos outros comparado com o que sentem que são”. Esta fase é marcadamente o início da formação da identidade, a qual se dará em três níveis: no ideológico, no sexual e no profissional. A definição da identidade ideológica é caracterizada pela constante reconstrução interna, a qual deverá acompanhar as mudanças do mundo e a capacidade de admitir uma posição política. Já a definição da identidade sexual se dará a partir da definição genital de seu papel. Finalmente, a formação da identidade profissional, definirá a participação do indivíduo como membro ativo e produtivo no grupo social e, a capacidade de ser um provedor. Para Erikson (1987), o que mais perturba o jovem é a dificuldade para definir uma identidade ocupacional.

Esta dificuldade se deve ao fato de que o progresso tecnológico e as mudanças econômicas e sociais ocorridas constantemente atrasam o ingresso do jovem no mercado de trabalho e, conseqüentemente, alarga o período educacional, fazendo com que ele permaneça nesta fase, chamada de *moratorium*, por mais tempo, sem desempenhar sua função social e fisiológica de provedor. Segundo Erikson,

“a mente do adolescente é essencialmente uma mente do *moratorium*, que é uma etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta, entre a moral aprendida e a ética a ser desenvolvida no adulto. É uma mente ideológica e, de fato, é a visão ideológica de uma sociedade a que afeta mais claramente o adolescente ansioso por se afirmar perante seus iguais e que está preparado para se ver confirmado pelos rituais, credos e programas que definem ao mesmo tempo o que é mal, fantástico e hostil.”(ERIKSON,1976, p. 242)

Devido a este novo contexto econômico e social, os jovens tem permanecido por mais tempo no ambiente familiar e na condição de estudantes sem assumir, de fato, as responsabilidades que lhe são cobradas, que é o ingresso no mercado de trabalho, o que se constitui como um paradigma da sociedade moderna.

Autores que tem voltado seus olhares para o ensino universitário, como Santos & Almeida (2001), relatam que há uma preocupação das universidades em dar apoio psicológico e pedagógico a seus alunos devido aos altos índices de evasão, insucesso, desinteresse, solidão e até depressão resultante de um período de adaptação mal conduzida, ou até inexistente, às novas exigências do meio. Fato é que, assim como nas demais mudanças de níveis de ensino, o ingresso no ensino superior também constitui-se por uma transição ecológica em ocorrência conjunta à formação da identidade psicossocial. Logo, constitui-se pela necessidade de novas estruturas cognitivas e emocionais para lidar com as novas demandas do meio, e a capacidade de estruturação interna. Segundo estes autores a capacidade de adaptação nesta fase depende da formação da identidade e o nível de maturidade psicológica atingida a partir das fases anteriores, principalmente da autonomia, já que está intrinsecamente vinculada ao desenvolvimento infantil, sendo um reflexo de toda a construção psicossocial de construção dos sentimentos vividos pelo indivíduo da infância à juventude.

1.2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A ADAPTAÇÃO ESCOLAR

Como destacado anteriormente, o processo de adaptação humano está presente e pode ser considerado elemento chave do processo de desenvolvimento humano. Neste sentido compreender esse processo em diferentes etapas da vida é fundamental por

considerar a inserção de crianças na escola, bem como as constantes mudanças de ciclos, como um momento crucial em sua vida, o qual exige reorganização cognitiva, social, física e psíquica. Fato é que, estamos a todo o momento em processo de adaptação ao meio e às informações que dele recebemos, não sendo muito diferente no percurso educativo. Sendo assim,

“Quando falamos em adaptação devemos considerar que sempre que enfrentamos uma situação nova, esse processo se desencadeia. O processo de adaptação, portanto, inicia com o nascimento, nos acompanha no decorrer de toda a vida e ressurge a cada nova situação que vivenciamos” (REDA & UJIE, 2009, p. 10083).

Se iniciarmos nosso estudo sobre o período de adaptação escolar a partir da definição do termo adaptação pelo Médio Dicionário Aurélio (1985), veremos que adaptação é: *S. f.* **1.** Ação ou efeito de adaptar(-se). **2.** Ajustamento de um organismo, particularmente do homem, às condições do meio ambiente.

Porém, para alguns autores italianos citados por Pantalena (2010) em seu estudo, como Mantovani e Terzi, Bove, Bondioli, entre outros, seguidores do sistema Règgio Emília, o termo adaptação, como acima designado, é um pouco incômodo e questionável, pois propõe uma prática pedagógica que visa o ajustamento do indivíduo à instituição de ensino, ou seja, às condições do meio ambiente. Pantalena (2010) faz uma crítica à concepção de adaptação vigente e ao tipo de processo ocorrido nas instituições ao dizer que

“O termo adaptação é bastante apropriado, pois o principal objetivo é que a criança adapte-se à instituição, ou seja, ajuste-se as condições do meio ambiente, conforme Ferreira (*apud* PANTALENA, 2010), que atribui os seguintes significados ao termo adaptado: acomodado, amoldado, ajustado ao meio social em que vive. Assim, criança e família bem adaptadas são aquelas que se enquadram perfeitamente nas regras e rotinas da instituição.” (PANTALENA, 2010, p. 16)

Dessa forma, esses autores afirmam preferir o termo italiano “inserção” que, segundo eles, remete ao ingresso da criança a instituição de ensino de forma integrada. Para estes autores, a tríade família, criança e escola é de fato uma prioridade no processo de adaptação e as relações acontecem de forma ativa e participativa, tendo como foco principal o desenvolvimento do indivíduo.

No entanto, para outros estudiosos, o termo da forma como vem sendo usado, tanto na literatura nacional quanto internacional, não designa ajustamento ou amoldamento da criança a instituição escolar, “mas num processo complexo que

envolve uma interação e flexibilização de todos envolvidos em busca de seu bem-estar psicológico e social” (RAPOPORT, SARMENTO, NÖRNBERG e PACHECO, 2008, p. 269). Segundo Novaes (1975), a “adaptação esta relacionada às modificações necessárias para responder às circunstâncias, sugerindo vinculação do indivíduo com o meio e, como tal, implica em processo dinâmico referente a tais condições”.

Assim, apesar de vários autores reconhecerem a importância do período de adaptação escolar e a necessidade de se desenvolverem atividades especiais, não há um consenso quanto à definição do conceito de adaptação nem quanto ao período a ser compreendido. Para alguns autores, como Rossetti-Ferreira & Vitória (1993), o período de adaptação deveria ocorrer nos primeiros contatos dos pais com a creche, pois através de um primeiro contato bem estruturado pela instituição, onde os pais possam esclarecer dúvidas e conhecer o ambiente que irá abrigar seus filhos, e a escola possa obter informações preliminares sobre a criança, minimizam-se angústias que possam influenciar no ingresso da criança na instituição. Para outros, o período de adaptação ocorreria a partir do momento de ingresso da criança na instituição até o final do primeiro mês (BLOOM-FESHBACH, BLOOM-FESHBACH & GAUGHRAM, 1980, *apud* RAPOPORT & PICCININI, 2001, p.85).

O fato é que, apesar de não haver um consenso sobre a terminologia empregada para os primeiros dias de frequência a uma instituição de ensino e nem para o período compreendido, todos corroboram sobre a importância de um período de conhecimento, de integração e criação de vínculos entre os indivíduos envolvidos no processo. Como salientam Rossetti-Ferreira & Vitória (1993), “uma adaptação ‘malcuidada’ traz prejuízos não apenas à criança, mas também à creche e ao(à) educador(a) responsável por aquele grupo de crianças, cujo trabalho se torna mais difícil e complicado”.

Logo, entende-se que

“Inserção, ingresso, acolhida não é uma questão de adaptação no sentido de modulação, que considera a criança como sujeito passivo que se submete, se acomoda, se enquadra a uma dada situação. É um momento fundamental e delicado que não pode ser considerado como simples aceitação de um ambiente desconhecido e de separação da mãe ou de uma figura familiar, ou de fazer a criança parar de chorar. Mais do que isso, a situação de ingresso das crianças na creche é uma capacidade de integrar um conjunto de significados” (STRENZEL, 2001, p. 3).

Além disso, acrescentaríamos que os prejuízos de uma adaptação mal conduzida ou ausência de processo pode-se dar em todos os níveis educacionais, cada qual com

sua especificidade e peculiaridade, pois, este é um período necessário ao desenvolvimento cognitivo, social, emocional, cultural e comunicativo dos indivíduos sujeitos do processo educativo. Como salienta Gonçalves & Damke (2007, p. 3374), “todo ser humano tem passagens na vida, que nem sempre pode dominar. Ao deparar-se com tais mudanças, deve haver uma adaptação ao tempo e ao espaço”. Por isso, as novas demandas propostas pelo meio e os conjuntos de significados a serem dominados pelos indivíduos fazem parte do desenvolvimento humano e são inerentes a cada nível de ensino, e a adaptação é um período de transição no qual ocorrerão o desenvolvimento das competências necessárias ao processo. Para Aspesi, Dessen & Chagas, teóricos do desenvolvimento no ciclo de vida, “transições de vida são períodos nos quais novas competências são estabelecidas para lidar com as mudanças e incertezas que se apresentam no curso de desenvolvimento” (*apud* MATURANO, 2008, p. 80).

2. OBJETIVOS

O trabalho em questão tem por objetivo realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema adaptação escolar, analisar e elencar os instrumentos de avaliação, a metodologia e os principais resultados destas investigações. É importante ressaltar que o período de adaptação escolar é um processo que ocorre, ou deveria ocorrer, nas várias etapas do período educativo, sendo parte integrante do planejamento escolar, por isso, buscou-se abarcar o tema desde a educação infantil até o ingresso na universidade, perpassando o ensino fundamental e médio.

Assim, este estudo tem por objetivos:

- a) Realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema adaptação escolar;
- b) Analisar e discutir a metodologia, os instrumentos de avaliações empregados e os principais resultados dos estudos;

3. MÉTODO

A partir do objetivo traçado, o trabalho desenvolveu-se em cinco etapas. Primeiramente, foi realizada uma coleta de dados através de buscas em bases de dados digitais (sem restrição de período de publicação) que compõe o acervo eletrônico de artigos e publicações científicas (Acervus, Dedalus, Athena, Index PSI, SciELO). Esse levantamento ocorreu de setembro de 2010 a janeiro de 2011, junto as bibliotecas de três Universidades Estaduais de São Paulo (USP, UNICAMP e UNESP). Também foi utilizado como instrumento de pesquisa o Google Acadêmico o qual proporcionou, devido a uma busca mais ampliada, a possibilidade de encontrar artigos publicados por pesquisadores portugueses. O levantamento bibliográfico não foi ampliado para bases internacionais. Para a busca nas bases de dados digitais foram utilizadas, como palavras-chave as seguintes expressões ou grupos de palavras: a) adaptação; crianças; educação infantil; b) ajustamento escolar; mudança de ciclo; c) período de adaptação; d) período de adaptação em creche e pré-escola; e) processos de adaptação; transição escolar; f) transição ecológica; g) inserção escolar.

Após realizado o levantamento bibliográfico, passou-se para o segundo e terceiro momento, os quais ocorreram concomitantemente devido a intrínseca relação entre eles. Assim, realizou-se a triagem, que foi a seleção de materiais diretos sobre adaptação, e a sistematização dos materiais selecionados em tabela. No quarto momento, realizou-se um estudo em cima da bibliografia dos artigos científicos e produções acadêmicas elencadas, o que permitiu a ampliação do acervo bibliográfico. No quinto e último momento foi realizado o tratamento dos dados.

4. RESULTADOS

A partir da busca realizada, inicialmente com a utilização das palavras-chaves acima especificadas e, posteriormente, com a revisão bibliográfica dos artigos elencados, foram encontrados um total de 69 produções, dentre estas teses, artigos científicos, livros e outros, que tinham em sua proposta abordar o período de adaptação escolar e ressaltar a importância deste período para o desenvolvimento dos indivíduos no processo educativo e na vida como um todo. Sendo assim, na Tabela 1 estão expressos as quantidades de materiais encontrados em uma relação entre o nível de ensino e tipo de produção.

<i>Produções</i>	<i>Teses e Dissertações</i>	<i>Artigos científicos</i>	<i>Livros</i>	<i>Outros*</i>	<i>Total</i>
Educação Infantil	8	15	8	5	36
Ensino Fundamental	4	14	1	---	19
Ensino Médio	---	---	---	---	---
Ensino Superior	---	13	1	---	14
Total	12	42	10	5	69

Tabela 1. Nível de Ensino x Tipo de produção

*Magazines e Material de Apoio Didático.

O levantamento evidenciou que, em termos de nível de ensino, a Educação Infantil é o período mais pesquisado para o tema da adaptação escolar, em todos os tipos de produção, sendo seguido pelas pesquisas no Ensino Fundamental. O Gráfico 1 expressa a proporção de produções nos vários níveis de ensino e, evidencia também, a total ausência de estudos no ensino médio.

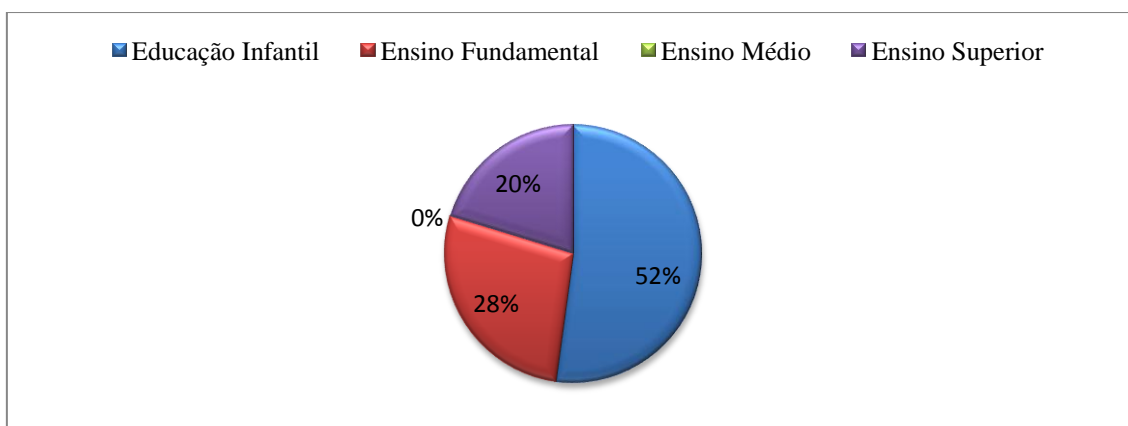


Gráfico 1. Quantidade de material encontrado

Dentre as produções sobre o período de adaptação escolar, foram encontrados diferentes tipos de materiais, como Magazines¹, Materiais de Apoio Didático, livros, Dissertação de Mestrado, Tese de Doutorado, Especialização, Trabalhos de Conclusão de Curso e artigos científicos, dentre estas publicações em eventos acadêmicos, que serão analisados para cada nível de ensino.

4.1 PRODUÇÕES EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Como vimos anteriormente, as produções sobre o período de adaptação na Educação Infantil, que continham em sua proposta refletir, estudar, investigar, compreender e analisar o período de adaptação durante o ingresso de bebês e crianças pequenas à creche, correspondem a 52% das produções científicas identificadas e elencadas neste estudo. Dentre estas, oito são dissertações e teses, nove são artigos indexados em periódicos e seis publicações em eventos científicos, como mostra detalhadamente a Tabela 2, totalizando 36 produções de ampla circulação.

Tipo de Publicação	Quantidade
Dissertação de Mestrado	5
Tese de Doutorado	1
Monografia de Especialização	1
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	1
Artigos científicos	9
Eventos Científicos	6
Livros	8
Magazines	3
Material de Apoio Didático	2
Total	36

Tabela 2. Tipo de publicações em Educação Infantil

Estas produções estão distribuídas ao longo dos anos como nos mostra o Gráfico 2, ficando evidente uma intensa produção de 1996 à 2005, sendo os últimos cinco anos os mais produtivos, e ocorrendo uma queda significativa de 2006 até 2010. Sendo assim, além de ser um tema de abordagem recente na literatura nacional, os dados revelam que houve um pico de pesquisa seguido por uma queda significativa.

¹ Em Anexos o leitor encontrará a relação detalhada de todo material encontrado.

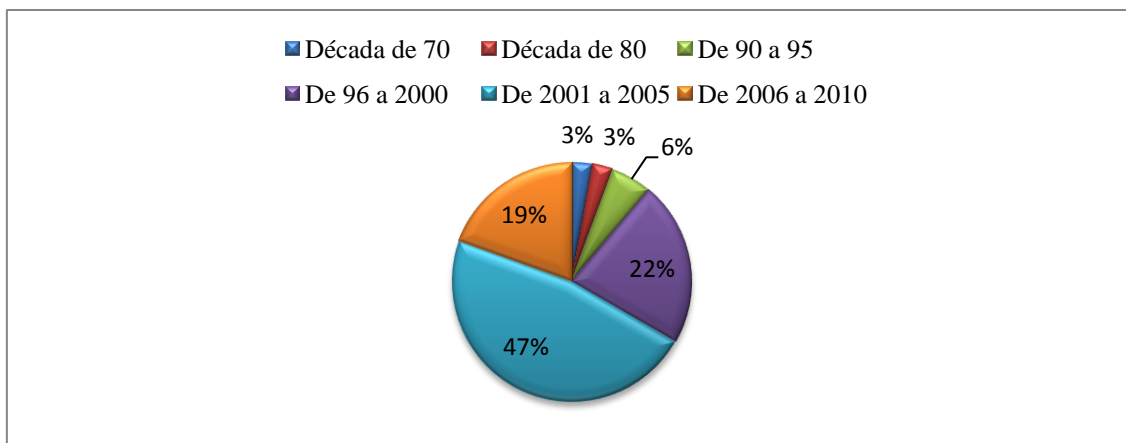


Gráfico 2. Distribuição temporal

Dentre as produções elencadas, nas décadas de 70 e 80 foram publicados, respectivamente, um livro sobre adaptação escolar e um Material de Apoio Didático. Já de 90 a 95 temos o registro de dois artigos científicos, porém, será nos anos subsequentes que ocorrerá uma ampliação do tema em âmbito nacional, sendo publicados artigos em importantes revistas científicas, como mostra a Tabela 3, e a defesa de dissertações de mestrado, tese de doutorado e especializações.

Artigos e publicações	Quantidade	Ano
Cadernos de Pesquisa	2	1993; 2000
Rev. Bras. Cresc. Des. Humano	1	1994
Psicologia, Ciência e Profissão	1	2003
LEPSI/FE-USP	1	2006
Psicologia: Reflexão e Crítica	1	2001
Psicologia: Teoria e Pesquisa	1	2001
Revista Zero a Seis	1	2002
Coletâneas da ANPPEP	1	1996
Eventos Científicos	6	1996; 2001; 2004; 2005; 2007; 2009.

Tabela 3. Relação de artigos científicos x quantidade x ano

Em relação à distribuição geográfica, a qual também é um fator de análise importante para este estudo, pois revela as regiões onde estão centralizadas as produções acadêmicas e científicas, conseqüentemente, o foco de estudo, verificou-se que as pesquisas, as quais se propuseram a estudar sobre o tema da adaptação na educação infantil, e publicações estão centralizados na região sudeste do país, mais precisamente na USP-São Paulo e USP-Ribeirão Preto, como mostra a Tabela 4.

Centro de Estudo	Dissertações	Teses	Especialização	TCC	Artigos
USP-Ribeirão Preto	2	-	-	-	5
USP-SP	2	-	-	-	1
PUC-SP	1	-	-	-	-
UFRGS	-	1	1	-	2
UFSC	-	-	-	-	2
Universidade Federal do Pará	-	-	-	-	1
Universidade Federal Fluminense	-	-	-	-	1
Universidade do Vale do Itajaí	-	-	-	1	-
UNICENTRO	-	-	-	-	2
UFRJ	-	-	-	-	1

Tabela 4. Distribuição geográfica dos periódicos e publicações

Sobre a metodologia e os instrumentos de avaliação empregados pelos autores em suas pesquisas, foram elencados três aspectos a serem analisados: a) modalidade de artigos teóricos e empíricos, o qual se constitui por três tipos: reflexão teórica, ou seja, pesquisas que realizam um levantamento bibliográfico de materiais que abordam o tema da adaptação escolar e/ou embasam teoricamente o assunto; relato de pesquisa, ou seja, pesquisas que vão a campo e realizam o levantamento dos dados; e, finalmente, relato de experiência que são pesquisas que relatam experiências profissionais vividas pelos autores em suas práticas; b) análise dos dados, se qualitativo, quantitativo ou misto; e, c) instrumentos de coletas de dados.

a) Modalidade de artigos teóricos e empíricos

Dentre os três tipos de pesquisa existentes, verificou-se que a maior parte das produções realizadas referem-se a relato de pesquisa, o que corresponde a 74% dos artigos relacionados, como nos mostra o Gráfico 3.

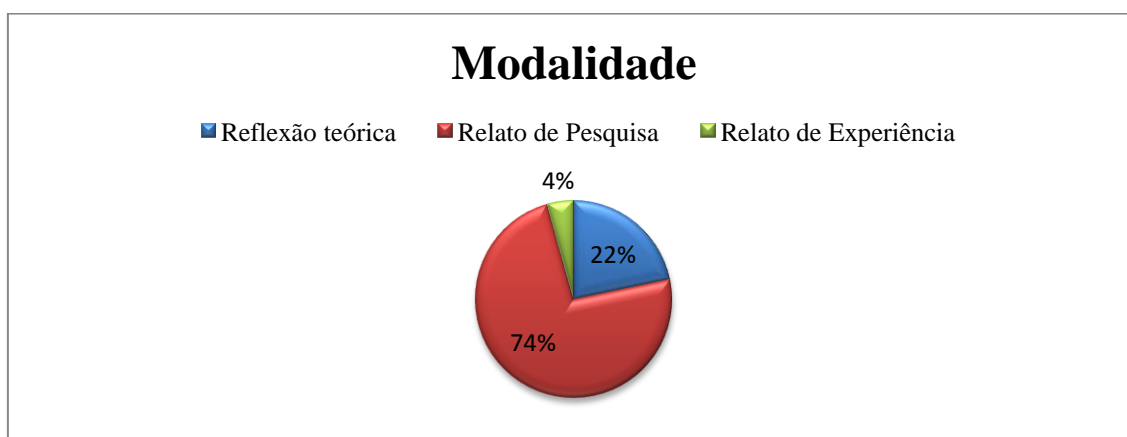


Gráfico 3. Relação de produções teóricas e empíricas

b) Análise dos dados

Em relação à análise dos dados, se qualitativo, quantitativo ou misto, dentre as vinte e três produções relacionadas 16 (70%) são do tipo qualitativas e 7 (30%) mistas, não havendo nenhuma produção de análise apenas quantitativa, possivelmente devido a dificuldade em se mensurar o grau, ou nível, de adaptação dos indivíduos ao meio ambiente escolar nesta fase de desenvolvimento. Sendo assim, a quantidade de produções de análise qualitativa esta relacionada a subjetividade das características a serem avaliadas, por exemplo, o choro, apetite, apatia, excitação, entre outros.

c) Instrumentos de coleta de dados

Na Tabela 5 estão listados os instrumentos de coleta de dados utilizados pelos autores em suas produções científicas. Nota-se que os instrumentos utilizados tendem a avaliar qualitativamente a (re)ação das crianças ao meio ambiente frequentado em seu período de adaptação, evidenciando a intrínseca relação entre os instrumentos de coletas de dados e o tipo de análise utilizado pelos autores.

Instrumentos de coletas de dados
Material Bibliográfico
Gravações em áudio e/ou vídeo
Caderno de registro
Entrevistas (estruturada, semiestruturada e aberta)
Observação
Análise documental
Questionário (aberto e fechado)
Testes e escalas

Tabela 5. Instrumentos de coleta de dados utilizados

Finalmente, o Gráfico 4 revela que algumas pesquisas utilizam apenas um destes instrumentos de coleta de dados acima especificados, porém, em sua maioria aparecem dois ou mais destes mecanismos de coleta, evidenciando a complexidade em se avaliar a adaptação neste nível de ensino, devido a imaturidade psíquica e linguística dos indivíduos, com apenas um destes instrumentos.

Instrumento por produção

■ Um ■ Dois ■ Três ■ Quatro ou mais

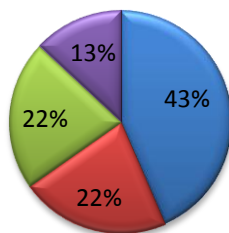


Gráfico 4. Quantidade de instrumentos de coletas de dados utilizados por produção.

4.2 PRODUÇÕES EM ENSINO FUNDAMENTAL

Como evidenciou o Gráfico 1, as produções sobre o período de adaptação no Ensino Fundamental correspondem a 28% das produções científicas identificadas e elencadas neste estudo, dentre as quais quatro são teses e dissertações, onze são artigos indexados em periódicos, três publicações em eventos científicos e um livro, totalizando 19 produções, como nos mostra a Tabela 6.

Tipo de Publicação	Quantidade
Dissertação de Mestrado	3
Tese de Doutorado	1
Artigos científicos	11
Eventos Científicos	3
Livros	1

Tabela 6. Tipo de publicações em Ensino Fundamental

Através de uma observação atenta percebe-se que, além de existirem poucos estudos sobre adaptação escolar neste nível de ensino, há uma carência de produções no século XX e anos iniciais deste século, e uma intensificação da produção de 2006 a 2010.

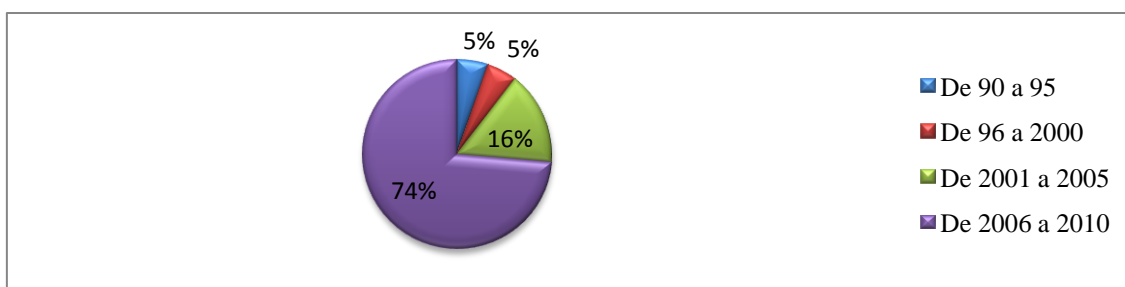


Gráfico 5. Distribuição temporal

Sendo assim, não houve produção identificada nas décadas de 70 e 80, como ocorreu na Educação Infantil. Apenas um artigo foi publicado no período de 90 a 95 e um livro de 96 a 2000. No entanto, a partir de 2006, até os dias atuais, os estudos acadêmicos neste nível de ensino deram um salto significativo, onde foram registrados 14 produções, dentre estes artigos e publicações em eventos científicos, como mostra a Tabela 9, dissertações de mestrado e teses. Porém, dentre estas produções, quatro são estrangeiras, mais precisamente portuguesas.

Artigos e publicações	Quantidade	Ano
Aletheia	2	2008; 2008
Educação	1	2008
Psicologia: Reflexão e Crítica	2	2006; 2009
Psicologia USP	1	2007
WWW.psicologia.com.pt – o portal dos psicólogos	1	2008
Psicologia Escolar e Educacional	1	2002
Psicologia em Estudo	1	2008
Paidéia	1	1991
Rev. Interamericana de Psicologia	1	2008
Eventos Científicos	3	2007; 2007; 2005

Tabela 7. Relação de artigos científicos x quantidade x ano

Em relação à distribuição geográfica, verificou-se que as pesquisas, que tinham em sua proposta estudar sobre o período de adaptação no ensino fundamental, estão centralizadas na região sudeste do país, mais precisamente na USP-Ribeirão Preto, como mostra a Tabela 8.

Centro de Estudo	Dissertações	Teses	Artigos
USP-Ribeirão Preto	1	1	5
USP-SP	-	-	1
PUCCAMP	-	-	1
UFRGS	-	-	2
UNIPAN	-	-	1
Universidade Federal do Paraná	1	-	-
Universidade do Vale do Itajaí	-	-	1
Universidade da Madeira	-	-	2
Universidade de Lisboa	1	-	1

Tabela 8. Distribuição geográfica dos periódicos e publicações

Assim como no tópico referente à Educação Infantil, foram elencados três aspectos para serem analisados sobre a metodologia e os instrumentos de avaliação empregados pelos autores em suas pesquisas: a) modalidade de artigos teóricos e

empíricos; b) análise dos dados, se qualitativo, quantitativo ou misto; e, c) instrumentos de coletas de dados.

a) Modalidade de artigos teóricos e empíricos

Dentre os quatro tipos de pesquisa existentes – reflexão teórica, relato de pesquisa e relato de experiência -, verificou-se que a maior parte das produções se constitui por relato de pesquisa, o que corresponde a 72% dos artigos relacionados, como nos mostra o Gráfico 6.

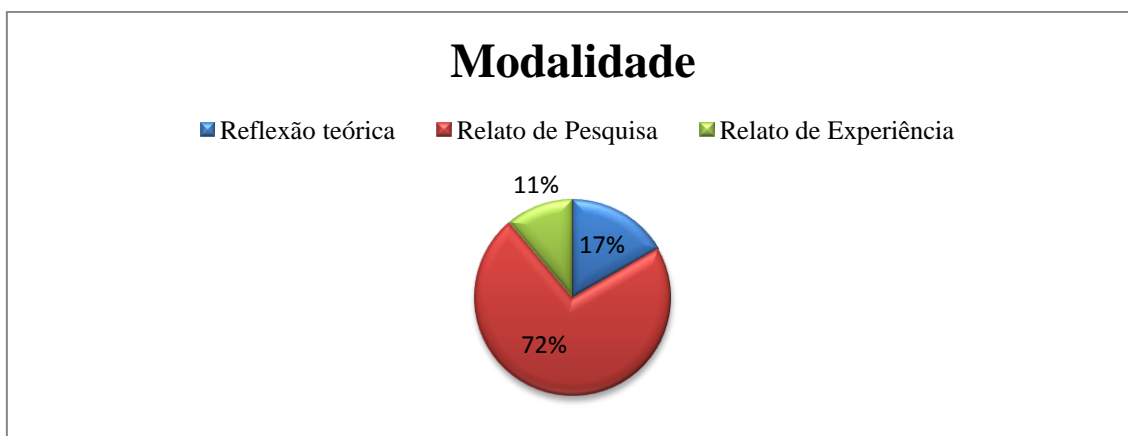


Gráfico 6. Relação de produções teóricas e empíricas

b) Análise dos dados

Em relação à análise dos dados, se qualitativo, quantitativo ou misto, dentre as dezoito produções relacionadas 6 (33%) são do tipo qualitativa e 12 (67%) mista, não havendo nenhuma produção de análise apenas quantitativa. Nota-se que neste nível de ensino há um aumento de produções do tipo mista, em relação às produções elencadas na Educação Infantil, devido ao desenvolvimento psicossocial e cognitivo dos sujeitos foco das pesquisas que, através da fala e da escrita, conseguem expressar ao pesquisador suas emoções e sensações frente aos desafios da adaptação.

c) Instrumentos de coleta de dados

Na Tabela 9 estão listados os instrumentos de coleta de dados utilizados pelos autores em suas produções científicas. Nesta tabela fica evidente a introdução de instrumentos que avaliam empiricamente o processo de adaptação dos indivíduos em um novo ambiente ecológico, ampliando e dando um outro olhar ao tema nos meios acadêmicos.

Instrumentos de coletas de dados
Material Bibliográfico
Relato
Entrevistas (estruturada, semiestruturada e aberta)
Observação
Avaliação de competência profissional
Genograma
Questionário (aberto e fechado)
Testes e escalas
Provas

Tabela 9. Instrumentos de coleta de dados utilizados

Finalmente, o Gráfico 7 mostra que alguns autores utilizaram apenas um desses instrumentos de coleta de dados acima especificados. Porém, em sua maioria foram utilizados dois ou mais destes mecanismos para a coleta de dados, sendo frequente o uso de instrumentos que visam expressar quantitativamente elementos que influenciam o processo de adaptação associados com instrumentos que visam captar elementos subjetivos deste processo, como as interações sociais.

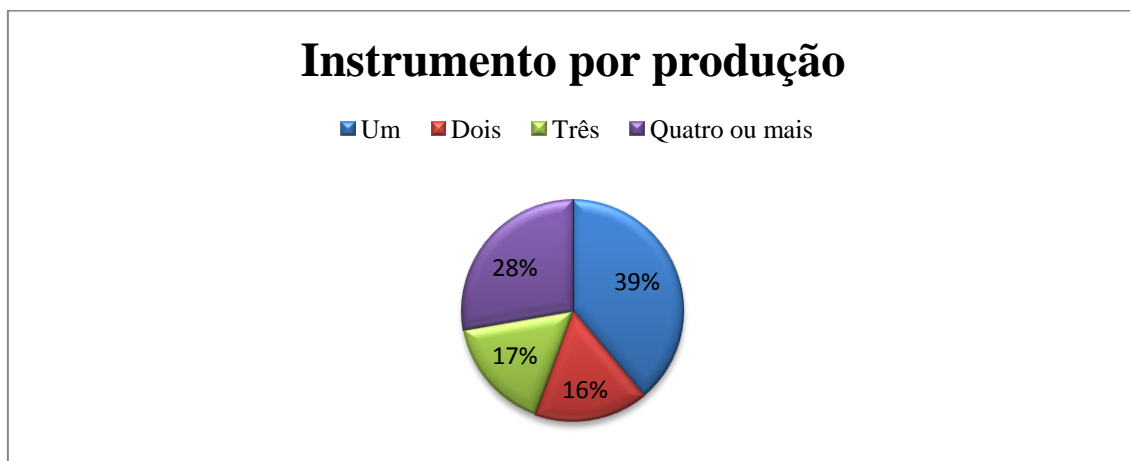


Gráfico 7. Quantidade de instrumentos de coletas de dados utilizados por produção.

4. 3 PRODUÇÕES EM ENSINO MÉDIO

A partir das buscas nas bases de dados digitais, que compõe o acervo eletrônico de artigos e publicações científicas de diversas universidades e revistas científicas, evidenciou-se uma lacuna de pesquisa sobre o período de adaptação, pois, não foi

encontrado na base de dados nacional nenhum registro de pesquisa sobre o período de adaptação no ensino médio.

4.4 PRODUÇÕES EM ENSINO SUPERIOR

As produções sobre o período de adaptação no Ensino Superior correspondem a 20% das produções científicas identificadas e elencadas neste estudo, como mostrou o Gráfico 1, totalizando quatorze publicações, dentre as quais doze são artigos científicos, uma publicação em evento científico e um livro, que estão distribuídos ao longo dos anos como nos mostra o Gráfico 8. Neste gráfico fica evidente uma carência de produções no século XX, uma intensificação da produção de 2001 a 2005 e uma redução de 2006 a 2010.

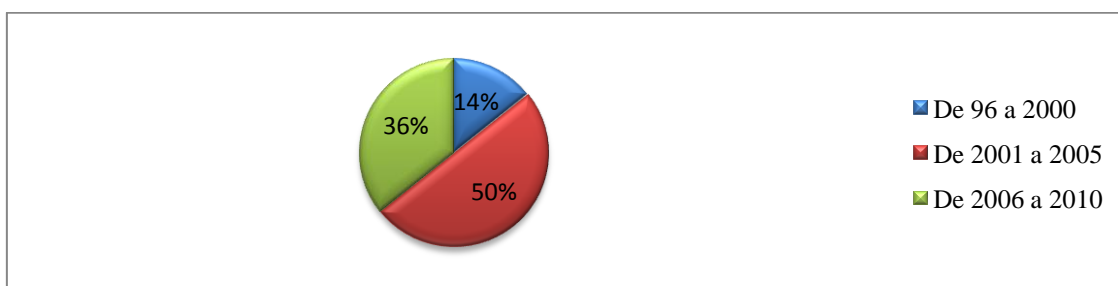


Gráfico 8. Distribuição temporal

Dentre estas quatorze produções, apenas dois artigos foram publicados de 96 a 2000, seis artigos e um livro de 2001 a 2005 e quatro artigos científicos e uma publicação em evento científico de 2006 a 2010. A Tabela 10 especifica os artigos científicos e produções encontrados, sendo que, dentre estes, oito são estrangeiros, mais precisamente portugueses.

Artigos e publicações	Quantidade	Ano
Revista Galego-Portuguesa de Psicologia e Educación	2	1998 e 2007
Methodus: Revista Científica e Cultura	1	2001
Psicologia	1	2000
Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional	1	2008
Psicologia Escolar e Educacional	1	2005
Análise Psicológica	2	2001 e 2006
Psico-USF	2	2001 e 2008
Cadernos Psicologia e Educação	1	2205
Estudos de Psicologia	1	2004
Eventos Científicos	1	2010

Tabela 10. Relação de artigos científicos x quantidade x ano

Em relação à distribuição geográfica, verificou-se que os estudos que se propuseram a estudar sobre o período de adaptação no ensino superior são, em sua maioria, de origem estrangeira, os quais correspondem a oito dos artigos indexados em revistas científicas, mais precisamente na Universidade do Minho, Portugal, como mostra a Tabela 11.

Centro de Estudo	Produções
Universidade do Minho	8
UFRGS	1
Instituto Militar de Engenharia – RJ	1
Universidade São Francisco	3

Tabela 11. Distribuição geográfica dos periódicos e publicações

Assim como nos tópicos anteriores, foram elencados três aspectos a serem analisados sobre a metodologia e os instrumentos de avaliação empregados pelos autores em suas pesquisas: a) modalidade de artigos teóricos e empíricos; b) análise dos dados, se qualitativo, quantitativo ou misto; e, c) instrumentos de coletas de dados.

a) Modalidade de artigos teóricos e empíricos

Dentre os quatro tipos de pesquisa existentes – reflexão teórica, relato de pesquisa e relato de experiência -, verificou-se que a maior parte das produções é relato de pesquisa, o que corresponde a 85% dos artigos relacionados, como nos mostra o Gráfico 9.

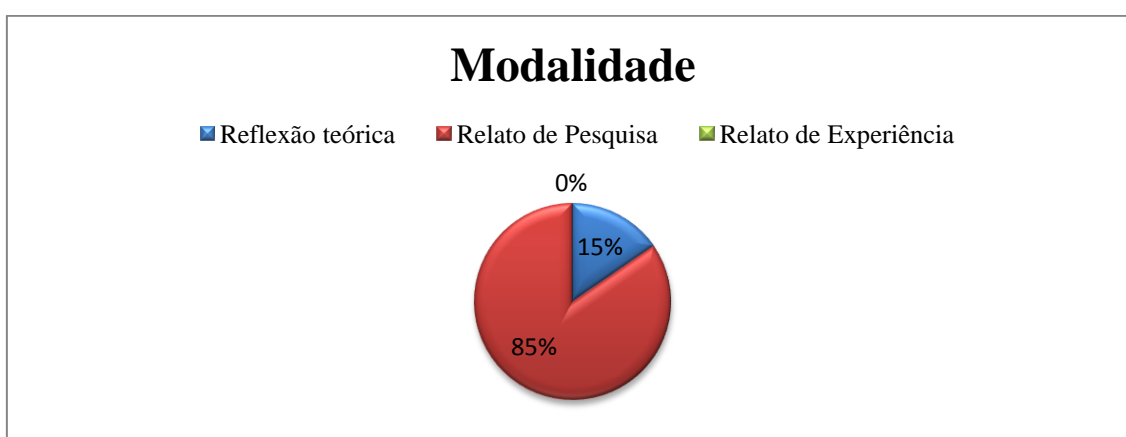


Gráfico 9. Relação de produções teóricas e empíricas

b) Análise dos dados

Em relação à análise dos dados, se qualitativo, quantitativo ou misto, dentre as treze produções relacionadas quatro (31%) são do tipo qualitativas, uma (7%) é do tipo quantitativa e oito (62%) são mistas. Nota-se que devido ao grau de maturidade dos

indivíduos pesquisados para participarem ativamente da pesquisa, neste nível de ensino os estudos são mais empíricos, com a elaboração de gráficos e tabelas que evidenciam, através da aplicação de questionários, se o jovem está ou não adaptado ao novo ambiente ecológico.

c) Instrumentos de coleta de dados

Na Tabela 12 estão listados os instrumentos de coleta de dados utilizados pelos autores em suas produções científicas. Nas produções em ensino superior, os autores, em sua maioria, utilizaram apenas um desses instrumentos, o que corresponde a 85% dos trabalhos elencados, e os outros 15% utilizaram apenas dois destes instrumentos de coleta de dados.

Instrumentos de coletas de dados
Material Bibliográfico
Inventário de Vivências Acadêmicas
Questionário de Vivências Acadêmicas
Entrevistas (estruturada, semiestruturada e aberta)
Escala de Avaliação da Vida Acadêmica
Histórico Escolar

Tabela 12. Instrumentos de coleta de dados utilizados

Percebe-se então, que neste nível de ensino predomina o uso de inventários ou escalas com itens que avaliam a frequência da ocorrência de um comportamento e que deve ser aferida pelo próprio estudante.

5. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das leituras realizadas, e do estudo efetuado, percebe-se que o processo de adaptação é inerente a vida humana e, como tal, a todo o momento os indivíduos estão adaptando-se as diferentes mudanças de meio ambientes e de papéis que desempenham na sociedade, sendo estas mudanças e readaptações fator fundamental de desenvolvimento físico, psíquico, social e cognitivo, já que constitui-se por períodos de transições ecológicas que exigem dos indivíduos a formação de novas estruturas psicossociais para lidar com as demandas do meio. Portanto, pode-se dizer que o ingresso na creche e pré-escola e, posteriormente, a todos os níveis de ensino, até o ingresso ao ensino superior, é constituído por períodos de transições e de formação da identidade as quais exigem dos sujeitos participantes do processo educativo um período para adequar-se e corresponder às expectativas geradas pelo novo meio ambiente ecológico frequentado. Há que se destacar também, que esse processo é passível de gerar ansiedade e desorganizações que se refletem tanto no indivíduo quanto no seu entorno.

No entanto, o estudo sobre o período de adaptação escolar mostrou que, apesar da importância e relevância deste processo para a formação e desenvolvimento dos indivíduos, pois um indivíduo adaptado tem maiores condições de se sair bem no processo educativo e na vida como um todo, as produções e estudos sobre esse tema tem sido escassos, chegando a ser insuficientes se pensarmos em cada nível de ensino. Como foi identificado, no total, foram encontrados 69 estudos que tinham em sua proposta investigar o período de adaptação no momento de ingresso ao ambiente escolar, sendo que, dentre estes, 36 estão concentrados na educação infantil, 19 no ensino fundamental e 14 no ensino superior. Destes, apenas 41 são estudos empíricos sobre o tema. Também destaca-se que sobre o período de adaptação no momento de ingresso ao ensino médio não houve registro de produções realizadas nos meios pesquisados, sendo esta uma lacuna de pesquisa importante nos meios acadêmicos. Além disso, dentre as 69 produções elencadas, 13 são produções estrangeiras, mais precisamente de Portugal.

Assim, os níveis educativos mais pesquisados para o tema do período de adaptação escolar tem sido a educação infantil, correspondendo a 52% das pesquisas elencadas, seguida pelo ensino fundamental, correspondendo a 28%. Acredita-se que a

ênfase na educação infantil pode ter como uma das explicações às transformações econômicas e ideológicas da sociedade moderna, onde a mulher tem cada vez mais saído para o mercado de trabalho e a criança tem o seu ingresso cada vez mais cedo em instituições de ensino, como salientam Vitória e Rossetti-Ferreira (1993). Segundo as autoras as creches e pré-escolas tem se tornado parte da cultura brasileira e um dos primeiros ambientes provedor de contato social e de algum tipo de ensino sistematizado, caracterizando-se, juntamente com o ingresso no ensino fundamental, como um período chave para todo o processo educativo. Portanto, devido aos aspectos sociais e de desenvolvimento, estes dois níveis de ensino tem recebido dos pesquisadores maior atenção para o tema da adaptação, o que deixa uma lacuna significativa nos demais processos de transição ecológica, os quais também exigem dos indivíduos estruturas psicológicas, físicas e cognitivas para conseguir lidar com as novas demandas do meio. Sabe-se que o processo de adaptação é algo contínuo e importante para o desenvolvimento em todos os momentos da vida humana, não sendo diferente no momento de ingresso ao ensino médio, ensino superior e em vários momentos da vida escolar, as quais exigem das crianças e jovens uma adequação ao novo meio ambiente físico, social e cognitivo e aos novos desafios por ele proporcionado.

Sendo assim, o maior número de pesquisas e publicações sobre a adaptação escolar tem acontecido a partir de 1996 para a Educação infantil, provavelmente devido à promulgação da Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional, a qual instituiu a Educação Infantil como um “direito da criança, opção da família e obrigação do Estado” e, posteriormente, a elaboração do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil que estabeleceu um padrão mínimo para a educação nacional, e a partir de 2000 para os demais níveis de ensino.

Em relação à distribuição geográfica das produções e dos autores, nota-se que para a educação infantil e ensino fundamental os estudos estão centralizados em sua maioria na região sudeste, mais precisamente na USP de Ribeirão Preto, possivelmente devido a um programa de pesquisa denominado “Processos de adaptação de bebês à creche” desenvolvido pelo grupo de pesquisa CINDEDI na creche Carochinha localizada no campus da universidade, na USP-SP e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Já os estudos referentes ao ingresso ao ensino superior ocorrem em sua maioria em Portugal, sendo escassos os estudos e publicações no Brasil, o que revela uma lacuna de pesquisa significativa para a realidade nacional.

Sobre a metodologia e instrumentos de avaliação empregados pelas publicações elencadas, a pesquisa revelou que em todos os níveis de ensino a maior parte dos estudos se constitui, primeiramente, por relato de pesquisa seguido por reflexão teórica. Porém, sobre o processo de análise dos dados, se quantitativo, qualitativo ou ambos, notou-se uma variação entre os níveis de ensino. Sendo assim, na educação infantil o processo de análise comumente apresentado é do tipo qualitativo, pois esta relacionado com o tipo de instrumento de coleta de dados utilizado que, neste caso, é a observação participativa, entrevistas, registros e gravações em áudio e vídeo. Essa preferência possivelmente se deve a pouca maturidade física, psicológica e cognitiva dos sujeitos investigados, fator que dificulta a mensuração em escalas e tabelas, persistindo os aspectos subjetivos. Já no ensino fundamental, assim como no ensino superior, o processo de análise dos dados comumente apresentado é do tipo misto, pois, nestes dois níveis, além da entrevista, os pesquisadores fazem uso de testes, escalas e provas para avaliarem o grau de adaptação escolar e os aspectos que influenciam neste processo, já que os sujeitos investigados conseguem expressar-se ativamente a respeito.

Na educação infantil e no ensino fundamental a importância do período de adaptação escolar, está relacionado, em parte significativa dos estudos, com a família e com a escola. Porém, no ensino superior poucos estudos relacionam a adaptação escolar com outro constructo e quando o faz, o tema está relacionado com a necessidade da universidade em desempenhar um papel ativo e, conseqüentemente, auxiliador de seus estudantes neste processo. Esse fator demonstra que, apesar da importância em pensar o sujeito em intrínseca relação com vários microambientes sociais, como propõe Bronfenbrenner (1996), esta relação é estabelecida apenas nos níveis iniciais de ensino por pensar-se a criança como um ser dependente socialmente, fisicamente e cognitivamente.

É importante ressaltar que, apesar de ter sido encontrado pesquisas que abordem o período de adaptação em universitários, não houve uma quantidade variada de pesquisas neste nível de ensino, estando a maioria do material elencado atrelado a uma mesma linha teórica e metodológica, o que reduz muito o diálogo produtivo.

Sobre os principais resultados de pesquisa apresentados, verificou-se que a maioria das instituições não realiza um período de adaptação com qualidade junto às crianças, pais e educadoras, sendo este período resumido a apenas um ingresso gradativo da criança ao novo ambiente, quando se trata do ingresso em creches e pré-escolas, e total ausência de ação nos demais níveis de ensino. Sendo assim, estes

estudos apontam a necessidade em se pensar sobre a tríade criança, família e instituição para o momento de ingresso ao novo microambiente escolar, que é socialmente distinto do familiar e que exige novas estruturas físicas, psíquicas e cognitivas para lidar com as novas demandas do meio.

Portanto, este levantamento bibliográfico e metodológico demonstrou que o período de adaptação escolar, apesar de ser importante para o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos, é pouco estudado academicamente o que deixa margens para conjecturas de senso comum e pouco auxiliadoras da prática cotidiana nas instituições educativas, logo, devendo ser amplamente explorado para uma melhor ação educativa. Além disso, é preciso que as pesquisas tenham uma fundamentação teórica mais aprofundada, esclarecendo o leitor leigo ou profissional a real importância deste período para o desenvolvimento psicossocial e cognitivo dos indivíduos em seu percurso escolar, e que seja amplamente divulgado, para que chegue ao professor e faça parte do calendário escolar e do projeto pedagógico das instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

AMORIM, K. S.; VITORIA, T. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 109, p. 115-144, março/ 2000.

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n109/n109a06.pdf>. Acessado em: 18/09/2010.

BRONFENBRENNER, U. *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ERIKSON, E. H. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

_____ *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976.

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª Edição, 2ª Reimpressão. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1985.

FREITAS, M. H. A. Avaliação da produção científica: considerações sobre alguns critérios. In: *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 2, n.3, p. 211-228.

GONÇALVES, J. P. & DAMKE, A. S. *O processo de adaptação: os primeiros dias da criança no ambiente escolar*. [Trabalho apresentado ao Congresso Nacional de Educação: Educere, 2007/PUCPR]

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-420-05.pdf>. Acessado em: 24/10/2010.

ISMAMBERT-JAMATI, V. “Ciências da Educação: um plural importante quando se trata de pesquisa” In *Teoria e Educação*. No. 5, 1992, p. 170-173.

LUNA, S. V. *Planejamento de Pesquisa: Uma Introdução*. São Paulo: Editora EDUC, 1999.

MARTURANO, E. M. Tensões cotidianas na transição da primeira série: um enfoque de desenvolvimento. In: *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 13, n. 1, p. 79-87, Jan/mar. 2008.

<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a09.pdf>. Acessado em: 03/10/2010.

MARTURANO, E. M.; TRIVELLATO-FERREIRA, M. C. & GARDINAL, E. C. Estresse cotidiano na transição da 1ª série: percepção dos alunos e associação com desempenho e ajustamento. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 93-101, 2009.

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n1/13.pdf>. Acessado em: 03/10/2010.

MAY, Tim. (2004). *Pesquisa social. Questões, métodos e processos*. 3ª 38d. Porto Alegre. Artmed.

NOVAES, M. H. *Adaptação escolar: diagnóstico e orientação*. Petrópolis: Vozes, 1975.

PANTALENA, E. S. *O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP, 2010.

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23062010-115822/pt-br.php>.

Acessado em: 24/10/2010.

PINO, Ivany. “Roteiro de elaboração de Projeto de Pesquisa em Educação”. In <http://www.lite.fae.unicamp.br/cursos/>. Acessado em: 20/10/2010.

RAPOPORT, A.; SARMENTO, D. F.; NÖRNBERG, M. & PACHECO, S. M. Adaptação de crianças ao primeiro ano do ensino fundamental. In: *Educação*, Set-Dez, 2008, vol. 31, n. 65, p. 268-273. PUCRS, Porto Alegre.

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/484/3400>.

Acessado em: 22/09/2010.

RAPOPORT, A. & PICCININI, C. A. O ingresso e adaptação do bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 14, n. 1, p. 81-95. Porto Alegre, 2001.

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>. Acessado em: 18/09/2010.

_____ Concepções de educadoras sobre a adaptação de bebês à creche. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 17, n. 1, p. 69-78. Brasília, Jan-abr 2001.

<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v17n1/5407.pdf>. Acessado em: 18/09/2010.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R. & DAVIS, C. *Psicologia do Desenvolvimento. v. 1 – Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, 1981 – 1982.

_____ *Psicologia do Desenvolvimento. v. 3 – A Idade pré-escolar*. São Paulo: EPU, 1981 – 1982.

_____ *Psicologia do Desenvolvimento. v. 4 – A Idade Escolar e a Adolescência*. São Paulo: EPU, 1981 – 1982.

REDA, M. G. & UJIE, N. T. *A educação infantil e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância*. In: IX Congresso Nacional de Educação: EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR.

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2496_1090.pdf. Acessado em: 24/10/2010.

SANTOS, L. & ALMEIDA, L. S. Vivências acadêmicas e rendimento escolar: Estudo com alunos universitários do 1º ano. In: *Análise Psicológica*, 2 (XIX), p. 205-217, 2001. <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v19n2/v19n2a01.pdf>. Acessado em: 09/01/2011.

STRENZEL, G. R. *A contribuição das pesquisas dos programas de pós-graduação em educação: orientações pedagógicas para crianças de 0 a 3 anos em creches*. s. l., 2001. [Trabalho apresentado na 24ª Reunião Anual da ANPED]. Acessado em: 22/09/2010.

TOURINHO, R. T. *Adaptação da criança na pré-escola e comportamento de apego/desapego: a constituição do vínculo afetivo criança e educador na pré-escola*. Trabalho de Conclusão de Curso no curso de psicologia da Universidade do Vale do Itajaí. Biguaçu, 2005. <http://siaibib01.univali.br/pdf/Renata%20Travancas%20Tourinho.pdf>. Acessado em: 22/09/2010.

VITÓRIA, T. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Processos de adaptação na creche. In: *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 86, p. 55-64, ago. 1993. Acessado em: 18/09/2010.

ANEXOS

ANEXO A:

REGISTRO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM EDUCAÇÃO INFANTIL			
AUTOR	TÍTULO	TIPO DE PUBLICAÇÃO	ANO
AMORIM, K. S.; VITÓRIA, T. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C.	Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche	Artigo científico	2000
AMORIM, K. S.; FERREIRA, M. C. R. ; VITÓRIA, T.; ELTINK, C.; ALMEIDA, L. S.	Processos de adaptação de bebês à creche. In.: FERREIRA, M. C. R. et al (org.). <i>Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano.</i>	Livro	2004
AMORIM, K. S. & FERREIRA- M. C. R.	O sentido da adaptação: à creche e à pré-escola	Revista Pátio Educação Infantil	2004
BHERING, E. & SARKIS, A.	A inserção de crianças na creche: um estudo sobre a perspectiva dos pais	ANPEd	2007
BOVE, C.	Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (orgs.) <i>Bambini: a abordagem italiana à educação infantil</i>	Livro	2002
CORRÊA, E. S.	Como criar um clima propício à adaptação	Revista Pátio Educação Infantil	2008
DAVINI, J. & FREIRE, M. (Org.)	Adaptação: pais, educadores e crianças enfrentando mudanças.	Caderno de Reflexão	1999
DIESEL, M.	Adaptação Escolar: sentimentos e percepções do educador diante da questão	Revista do Professor	2003
DUARTE, M. P.	Período de adaptação na Educação Infantil: uma análise a luz da teoria de Henri Wallon	Dissertação de Mestrado	1997
ELMÔR, L. N. R.	Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche: um estudo de caso	Dissertação de Mestrado	2009

ELTINK, C. F.	Indícios utilizados por educadores para avaliar o processo de adaptação de bebês a uma creche	Dissertação de Mestrado	1999
FERREIRA, G. V.	O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos	Monografia de Especialização	2007
FERREIRA, M. C. R., AMORIM, K. S. & VITÓRIA, T.	A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena	Artigo científico	1994
FERREIRA, M. C. R., AMORIM, K. S. & VITÓRIA, T.	Emergência de novos significados durante o processo de adaptação de bebês à creche	Artigo científico	1996
FERREIRA, M. C. R., AMORIM, K. S. & VITÓRIA, T.	Integração Família e Creche - o acolhimento é o princípio de tudo. In: MARTURANO, E. M.; LOUREIRO, S. R.; ZUARDI, A. W. (Org.). <i>Estudos em Saúde Mental</i> .	Livro	1997
FERREIRA, M. C. R. & AMORIM, K. S.	Relações Afetivas na Família e na Creche Durante o Processo de Inserção de Bebês	Anais	1996
FERREIRA, M. C. R., VITÓRIA, T. & GOULARDINS, L. G.	Quando a criança começa a frequentar a creche ou pré-escola. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C., MELLO, A. M., VITÓRIA, T., GOSUEN, A. & CHAGURI, A. C. <i>Os Fazeres na Educação Infantil</i>	Livro	2002
LOPES, L. W. R.; MAGALHÃES, C. M. C. & MAURO, P. I.	Interação entre pré-escolares: possibilidades de análises	Artigo científico	2003
MANTOVANI, S. & TERZI, N.	A Inserção. In: BONDIOLI, A. & MANTOVANI, S. <i>Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos</i> .	Livro	1998
MANZANO, C. S. & PINTO, F. S. C. N.	A entrada na creche: a chegada dos bebês e suas vicissitudes.	Artigo científico	2006
NOVAES, M. H.	<i>Adaptação escolar: diagnóstico e orientação</i>	Livro	1975
PANTALENA, E. S.	O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais	Dissertação de Mestrado	2010
PICANÇO, M. B. M.; MOURÃO, B. L. A.; ANDRADE, N. F.; PEREIRA, C. F. & CORDEIRO, A. N.	Inserção de crianças na creche UFF: Projeto Tempo para a Família.	Anais	2004
RAPOPORT, A.	<i>Da gestação ao primeiro ano de vida do bebê: apoio social e ingresso na creche</i>	Dissertação de Doutorado	2003
RAPOPORT, A.	<i>Adaptação de bebês à creche: a importância da</i>	Livro	2005

	<i>atenção de pais e educadores</i>		
RAPOPORT, A. & PICCININI, C. A.	O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos	Artigo científico	2001
RAPOPORT, A. & PICCININI, C. A.	Concepções de educadoras sobre a adaptação de bebês à creche	Artigo científico	2001
REDA, M. G. & UJIIE, N. T.	A educação infantil e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância	Congresso	2009
SARTORI, C. H. G.	<i>Entrada da criança na escola e período de adaptação</i>	Livro	2001
SEDAE	<i>Posso entrar? ...uma reflexão sobre o início da vida escolar.</i>	Material de Apoio ofertado pela Secretaria de Educação - SP	1981
SOUSA, K. A.	Adaptação da criança à creche: análise de indicadores internacionais e afetivos.	Dissertação de Mestrado	2002
STRENZEL, G. R.	A contribuição das pesquisas dos programas de pós-graduação em educação: orientações pedagógicas para crianças de 0 a 3 anos em creche.	ANPEd	2001
STRENZEL, G. R.	Tempo de chegada na creche: conhecendo-se e fazendo-se conhecer	Artigo científico	2002
TOURINHO, R. T.	Adaptação da criança na pré-escola e comportamento de apego/desapego: a constituição do vínculo afetivo criança e educador na pré-escola	Trabalho de Conclusão de Curso	2005
UJIIE, N. T.	Adaptação: o ingresso na Educação Infantil	Anais	2005
VITÓRIA, T. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C.	Processos de adaptação na creche	Artigo científico	1993

ANEXO B:

REGISTRO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM ENSINO FUNDAMENTAL			
AUTOR	TÍTULO	TIPO DE PUBLICAÇÃO	ANO
BENTO, A.	Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola: perspectivas dos alunos do 5º ano	Colóquio	2005

CASTOLDI, L., LOPES, R. C. S. & PRATI, L. E.	O Genograma como instrumento de pesquisa do impacto de eventos estressores na transição família-escola	Artigo científico	2006
CORREIA, K. S. L. & PINTO, M. A. M.	<i>Stress, coping</i> e adaptação na transição para o segundo ciclo de escolaridade: efeitos de um programa de intervenção	Artigo científico	2008
ESCARABOTO, K. M.	Sobre a importância de conhecer e ensinar	Artigo científico	2007
FRANÇA, G. R.	A atuação do psicólogo na transição escolar e suas contribuições para a gestão democrática na escola	Artigo científico	2008
GARDINAL, E. C.	<i>Antecedentes cognitivos e socioemocionais do desempenho e do ajustamento escolar</i>	Dissertação de Mestrado	2007
GOMES, F. J. & CARVALHO, R. G.	“Começar bem...do 4º para o 5º ano!”: a experiência de um projecto de apoio à transição do 1º para o 2º ciclo do ensino básico	Congresso	2007
GONÇALVES, J. P. & DAMKE, A. S.	O processo de adaptação: os primeiros dias da criança no ambiente escolar	Anais	2007
LIPP, M. E. N.	<i>Crianças estressadas: Causas, sintomas e soluções</i>	Livro	2000
LIPP, M. E. N.; ARANTES, J. P.; BURITI, M. S. & WITZIG, T.	O estresse em escolares	Artigo científico	2002
MACHADO, V. L. S.; SELEGATO, M. V.; BRAGA, A. L. A. & MARTINELLI, S. C.	Ambientação à escola: atuação junto a um grupo de crianças iniciando o ciclo básico	Artigo científico	1991
MARTURANO, E. M..	Tensões cotidianas na transição da primeira série: um enfoque de desenvolvimento	Artigo científico	2008
MARTURANO, E. M. & GARDINAL, E. C.	Um estudo prospectivo sobre o estresse cotidiano na 1ª série	Artigo científico	2008
MARTURANO, E. M.; TRIVELLATO-FERREIRA, M. C. & GARDINAL, E. C.	Estresse cotidiano na transição da 1ª série: percepção dos alunos e associação com desempenho e ajustamento.	Artigo científico	2009
NOBRE, A. S. R.	Relação entre a perspectiva temporal e a adaptação à escola em alunos do 9º ano	Dissertação de Mestrado	2009
RAPOPORT, A.; SARMENTO, D. F.;	Adaptação de crianças ao primeiro ano do ensino	Artigo científico	2008

NÖRNBERG, M. & PACHECO, S. M.	fundamental		
STASIAK, G. R.	Transição ao primeiro ano do ensino fundamental: percepção do estresse pelas crianças, suas características psicológicas e variáveis do seu contexto familiar.	Dissertação de Mestrado	2010
TRIVELLATO-FERREIRA, M. C.	<i>As tarefas de desenvolvimento da meninice e a transição para o ensino fundamental</i>	Dissertação de Doutorado	2005
TRIVELLATO-FERREIRA, M. C. T. & MARTURANO, E. M.	Recursos da criança, da família e da escola predizem competência na transição da 1ª série.	Artigo científico	2008

ANEXO C:

REGISTRO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM ENSINO SUPERIOR			
AUTOR	TÍTULO	TIPO DE PUBLICAÇÃO	ANO
ALMEIDA, L. S.	Transição, adaptação e xito escolar no Ensino Superior	Artigo científico	2007
ALMEIDA, L. S.; SANTOS, A. C.; DIAS, P. B.; BOTELHO, S. G. & RAMALHO, V. M.	Dificuldades de adaptação e de realização acadêmica no Ensino Superior: análise de acordo com as escolhas vocacionais e o ano de curso	Artigo científico	1998
ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C. & FERREIRA, J. A. G.	Transição e adaptação à universidade. Apresentação de um questionário de vivências acadêmicas (QVA)	Artigo científico	2000
ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C. & FERREIRA, J. A. G.	Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes do ensino superior: construção do questionário de vivências acadêmicas	Artigo científico	2001
ALMEIDA, L. S. & SOARES, A. P. C.	Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E. & POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). <i>Estudante universitário: características e</i>	Livro	2003

	<i>experiências de formação.</i>		
ALMEIDA, L. S. & CRUZ, J. F. A.	Transição e Adaptação Acadêmica: reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho	Congresso	2010
CUNHA, S. M. & CARRILHO, D. M.	O processo de adaptação ao Ensino Superior e o rendimento acadêmico: adaptação e rendimento acadêmico	Artigo científico	2005
DINIZ, A. M. & ALMEIDA, L. S.	Adaptação à Universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional.	Artigo científico	2006
FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S. & SOARES, A. P. C.	Adaptação acadêmica em estudante do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso.	Artigo científico	2001
GRANADO, J. I. F.; SANTOS, A. A. A. dos; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. & GUISANDE, M. A.	Integração acadêmica de estudantes universitários: Contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil	Artigo científico	2005
IGUE, E. A., BARIANI, I. C. D. & MILANESE, P. V. B.	Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes.	Artigo científico	2008
SANTOS, L. & ALMEIDA, L. S.	Vivências acadêmicas e rendimento escolar: estudo com alunos universitários do 1º ano.	Artigo científico	2001
TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H. & OLIVEIRA, A. M.	Adaptação à universidade em jovens calouros.	Artigo científico	2008
VENDRAMINI, C. M. M.; SANTOS, A. A. A.; POLYDORO, S. A. J.; SBARDELINI, E. T. B.; SERPA, M. N. F. & NATÁRIO, E. G.	Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA).	Artigo científico	2004

ANEXO D:

PRODUÇÕES EM EDUCAÇÃO INFANTIL							
Título do trabalho	Autor	Ano de publicação	Número de participantes	Instrumento de coleta de dados	Sujeito focal	Tipo de pesquisa	Objetivos do estudo
Processos de adaptação na creche	VITÓRIA, T. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C.	Ago/ 1993	-----	Estudo bibliográfico	Criança, família e creche	Qualitativa	Refletir sobre os processos de adaptação que ocorrem em momentos de primeiro ingresso, ou não, e em creche com crianças, familiares e educadoras.
A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena.	FERREIRA, M. C. R., AMORIM, K. S. & VITÓRIA, T.	1994	-----	Estudo bibliográfico	Criança, família e creche	Qualitativa	Refletir e investigar sobre o período de adaptação à creche, como um momento crítico a todas as pessoas envolvidas (bebês, famílias e educadoras).
Relações Afetivas na Família e na Creche Durante o Processo de Inserção de Bebês	FERREIRA, M. C. R. & AMORIM, K. S.	1996	18 bebês do berçário e 8 do minigrupo, sendo focado em 8 bebês considerados como “sujeitos focais”. (CINDEDI)	Gravações em vídeos e fitas de entrevistas.	Criança, família e creche	Qualitativa	Apresentar o estudo realizado na creche “Carochinha” – USP – em parceria com o CINDEDI, com o objetivo de evidenciar a importância da boa integração entre família e educadora, e da organização do espaço para um bom processo de adaptação da criança a creche e, conseqüentemente, para seu desenvolvimento.
Emergência de novos significados durante o	FERREIRA, M. C. R.,	1996	18 bebês do berçário e 8 do	Entrevistas, observações,	Criança, família e	Qualitativa	Exposição e discussão da proposta teórica desenvolvida

processo de adaptação de bebês à creche	AMORIM, K. S. & VITÓRIA, T.		minigrupo, sendo focado em 8 bebês considerados como “sujeitos focais”. (CINDEDI)	registros e gravações em vídeo e áudio	creche		pelas autoras, a saber “Processos de adaptação de bebês à creche”, que busca compreender a complexa rede de fatores que influenciam o processo de integração da criança e da família à creche.
Período de adaptação na Educação Infantil: uma análise a luz da teoria de Henri Wallon	DUARTE, M. P.	1997	Seis crianças de um ano e meio a dois anos e meio, matriculadas em uma creche particular.	Observação, entrevista, depoimento escrito e análise de documentos.	Criança, família e creche	Qualitativa	Observar o momento de ingresso das crianças em uma escola particular de educação infantil.
Indícios utilizados por educadores para avaliar o processo de adaptação de bebês a uma creche	ELTINK, C. F.	1999	Seis educadoras.	Entrevista semiestruturada,	Criança, família e creche	Qualitativa e quantitativa	Investigar alguns dos aspectos presentes no processo de inserção de uma criança menor de dois anos em creche e, em seguida, apresentar e discutir alguns dos indícios utilizados por educadores para avaliar o processo de adaptação.
Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche	AMORIM, K. S.; VITORIA, T. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C.	março/ 2000	26 bebês (5-18 meses) da creche “Carochinha” – USP/Ribeirão Preto -, seus familiares e educadoras	Fichas de observação, entrevistas e gravações em vídeo.	Criança, família e creche	Quantitativa e qualitativa	“Estudar os processos que se desenvolvem a partir da inserção de bebês na creche, com a integração da criança, da família e das educadoras à nova situação” (AMORIM, VITORIA e ROSSETTI-FERREIRA, 2000, p. 123)
O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns	RAPOPORT, A. & PICCININI, C.	2001	----	Revisão bibliográfica	Criança, família e creche	Qualitativa	Investigar algumas questões teóricas e estudos empíricos acerca do ingresso de bebês e

aspectos críticos	A.						crianças pequenas à creche.
Concepções de educadoras sobre a adaptação de bebês à creche	RAPOPORT, A. & PICCININI, C. A.	2001	41 educadoras: 62% de creches particulares e demais públicas (38%).	Questionários com questões abertas e fechadas denominado <i>Questionário Sobre Adaptação do Bebê à Creche</i> .	Educadora	Qualitativa e quantitativa	Examinar como educadoras de creches públicas e particulares caracterizam a adaptação de bebês de 4-5 meses e 8-9 meses.
A contribuição das pesquisas dos programas de pós-graduação em educação: orientações pedagógicas para crianças de 0 a 3 anos em creche.	STRENZEL, G. R.	2001	-----	Revisão bibliográfica	Educação Infantil	Qualitativa	Investigar se há produções científicas sobre educação de crianças menores de 3 anos, e quais as contribuições para o desenvolvimento das práticas pedagógicas no interior das creches.
Tempo de chegada na creche: conhecendo-se e fazendo-se conhecer	STRENZEL, G. R.	Ago/Dez 2002	-----	Pesquisa bibliográfica	Criança, família e creche.	Qualitativa.	Abordar, a partir da literatura brasileira e italiana, o acolhimento das crianças entre 3 e 36 meses e suas famílias na creche. Incluindo a programação elaborada para este momento, a preparação dos profissionais, o envolvimento da família e acompanhamento do processo.
Adaptação da criança à creche: análise de indicadores internacionais e	SOUSA, K. A.	2002	20 crianças (13 meninas) entre 50 e 60 meses de idade, que frequentavam uma	Entrevista de Apego com bonecos, Questionário de auto-estima, e	Criança	Quantitativa	Investigar a adaptação da criança à creche a partir de indicadores comportamentais em situação de recreação livre.

afetivos.			creche pública em tempo integral.	escala de dependência.			
Interação entre pré-escolares: possibilidades de análises	LOPES, L. W. R.; MAGALHÃES, C. M. C. & MAURO, P. I.	2003	17 crianças pré-escolares de uma escola privada em Belém-PA.	Teste sociométrico, através da entrevista, e observação comportamental	Criança	Qualitativa e quantitativa (Teoria de Grafos)	Construir e evidenciar a importância da rede de relações sociais entre pré-escolares como fator de desenvolvimento, e refletir sobre a pertinência das metodologias utilizadas para a coleta e análise dos dados.
Da gestação ao primeiro ano de vida do bebê: apoio social e ingresso na creche	RAPOPORT, A.	2003	44 mães.	Entrevistas estruturadas e semiestruturadas.	Família/mãe	Qualitativa	Investigar o apoio social dado as mães, o ingresso do bebê em cuidados alternativos e a relação com o emprego materno, ao longo do primeiro ano de vida do bebê.
Inserção de crianças na creche UFF: Projeto Tempo para a Família.	PICANÇO, M. B. M.; MOURÃO, B. L. A.; ANDRADE, N. F.; PEREIRA, C. F. & CORDEIRO, A. N.	2004	34 crianças e suas respectivas famílias.	Entrevista semiestruturada, observação participante e registro visual.	Criança, família e creche	Qualitativa e quantitativa.	O estudo tem por objetivo o desenvolvimento de um projeto pedagógico intitulado “Tempo para a Família”, que, baseado no projeto italiano de Susanna Mantovani, visa a inserção gradual e participativa da criança e da família ao ambiente escolar.
Adaptação da criança na pré-escola e comportamento de apego/desapego: a constituição do vínculo afetivo criança e educador na pré-escola	TOURINHO, R. T.	2005	3 crianças de três anos de idade – inscritas na creche São Francisco de Assis de Florianópolis/SC -, seus pais e suas duas professoras.	Entrevista semiestruturada com pais e professores, e observação participante.	Criança	Qualitativa	Estudar os comportamentos de apego/desapego durante o processo de adaptação escolar a partir da constituição do vínculo afetivo entre educadores e alunos.

Adaptação: o ingresso na Educação Infantil	UJIE, N. T.	2005	Duas educadoras de duas escolas infantis diferentes, duas mães e uma criança.	Entrevista semiestruturada.	Criança, família e creche	Qualitativa	Evidenciar pontos de vistas a respeito do período de adaptação escolar e a importância da afetividade neste processo.
A entrada na creche: a chegada dos bebês e suas vicissitudes.	MANZANO, C. S. & PINTO, F. S. C. N..	2006	Duas crianças e duas educadoras de uma creche pública vinculada a Universidade de São Paulo.	Observação participante e Relato de experiência;	Criança e Creche	Qualitativa	Apresentar uma reflexão a respeito da entrada dos bebês na creche, procurando evidenciar a importância da entrada do bebê em um lugar social, voltado para a coletividade.
A inserção de crianças na creche: um estudo sobre a perspectiva dos pais	BHERING, E. & SARKIS, A.	2007	Oito pais, sendo quatro do berçário e quatro do maternal.	Entrevista semiestruturada e análise de vídeo.	Família	Qualitativa	Investigar sobre Educação Infantil e os sentimentos vividos pelos pais ao ingresso de seus filhos à creche.
O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos	FERREIRA, G. V.	2007	Quatro mães de crianças com idades entre doze e vinte e oito meses	Ficha de contato inicial e entrevista semiestruturada;	Família/mãe	Qualitativa	Investigar as reações emocionais maternas à entrada da criança na escola, considerando seus sentimentos no início da vida escolar, no período de adaptação e após um ano do ingresso na escola infantil.
Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche: um estudo de caso	ELMÔR, L. N. R.	2009	Um bebê de nove meses	Transcrição microgenética dos episódios interativos obtidos através do Banco de Dados do Projeto Integrado <i>Processos de adaptação de</i>	Criança	Qualitativa e quantitativa	Investigar quais “recursos comunicativos e lingüísticos (verbais e não-verbais) são utilizados por um bebê no primeiro ano de vida, na interação com distintos interlocutores (mãe, babá, irmã, educadoras, coetâneos e os câmeras).

				<i>bebês à creche – USP – e, mapeamento dos episódios interativos.</i>			
A educação infantil e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância	REDA, M. G. & UJIE, N. T.	2009	16 profissionais: uma coordenadora e 15 educadoras de uma Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Irati-PR. Sendo que apenas uma educadora foi observada em sua prática.	Questionários, análise documental da Proposta Pedagógica da Instituição e das respostas obtidas e observação participante da prática educativa de uma professora.	Creche	Qualitativa	Compreender e analisar como os profissionais entendem o processo de adaptação, se estes se baseiam em conhecimentos superficiais ou se, realmente, compreendem o processo adaptativo.
O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais	PANTALENA, E. S.	2010	Duas classes de berçário (3 a 12 meses), com suas respectivas educadoras e crianças, pais e coordenadora.	Entrevistas aberta, questionários, observação direta e análise documental.	Criança, família e creche	Qualitativa e quantitativa	Observar, compreender e descrever o período de adaptação e, verificar se a voz dos bebês é considerada no processo.

ANEXO E:

PRODUÇÕES EM ENSINO FUNDAMENTAL							
Título do trabalho	Autor	Ano de publicação	Número de participantes	Instrumento de coleta de dados	Sujeito focal	Tipo de pesquisa	Objetivos do estudo
Ambientação à escola: atuação junto a um grupo de crianças iniciando o ciclo básico	MACHADO, V. L. S.; SELEGATO, M. V.; BRAGA, A. L. A. & MARTINELLI, S. C.	1991	43 crianças matriculadas na 1ª série do ensino básico	Observação participativa e entrevista semi-estruturada.	Criança, família e escola	Qualitativa	Investigar o ingresso de crianças a escola dentro da perspectiva de transição ecológica; propor práticas que facilitem a adaptação escolar; e, realizar um trabalho integrado entre universidade e comunidade.
O estresse em escolares	LIPP, M. E. N.; ARANTES, J. P.; BURITI, M. S. & WITZIG, T.	2002	255 escolares de 7 a 14 anos de idade.	Escala de <i>Stress</i> Infantil (ESI)	Criança e escola	Qualitativa e quantitativa	Investigar a presença de sintomas de estresses em escolares.
Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola: perspectivas dos alunos do 5º ano	BENTO, A.	2005	75 alunos do 5º ano de uma Escola Básica e Secundária situada ao Norte da Ilha da Madeira.	Entrevista semiestruturada	Criança/jovem e escola	Qualitativa e quantitativa	Investigar o período de adaptação escolar a partir da perspectiva de alunos do 5º ano do ensino básico e, consequentemente, apresentar sugestões práticas para uma transição suave.
<i>As tarefas de desenvolvimento da meninice e a transição para o ensino fundamental</i>	TRIVELLATO-FERREIRA, M. C.	2005	70 crianças que cursavam a primeira série do ensino fundamental e suas respectivas	- A família: Entrevista semiestruturada, Inventário de Recursos do ambiente Familiar, Escala	Criança, família e escola	Qualitativa e quantitativa	Identificar, na transição a primeira série, associações entre características da criança e de seus contextos de desenvolvimento e indicadores de realização das tarefas desenvolvimentais da meninice.

			mães e professoras	<p>de Eventos Adversos, Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter, Questionário de Identificação de Problemas de Autoregulação da Atenção e do Comportamento.</p> <p>- As crianças: Teste das Histórias Incompletas, Testes das Matrizes Progressivas de Raven, Prova de Consciência Fonológica.</p> <p>- As mães e as crianças: Inventário de Fonte de Estresse Escolar.</p> <p>- As crianças: Teste de Desempenho Escolar, Escala de Stress Infantil.</p> <p>- Ao professor: Protocolo de Avaliação da</p>			
--	--	--	--------------------	---	--	--	--

				Competência Social do Aluno e avaliação do desempenho e Ajustamento do Aluno.			
O Genograma como instrumento de pesquisa do impacto de eventos estressores na transição família-escola	CASTOLDI, L., LOPES, R. C. S. & PRATI, L. E.	2006	Seis alunos, dos quais três se adaptaram bem a rotina escolar e três alunos não, e suas respectivas famílias.	Genograma Familiar	Criança, família e escola	Qualitativa	Demonstrar o uso do genograma familiar como forma de caracterizar a configuração familiar e identificar eventos estressores, os quais podem influir no início da vida escolar.
Sobre a importância de conhecer e ensinar	ESCARABOTO, K. M.	2007	Alunos e professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental I de uma escola de Londrina/PR	Observação participativa	Criança, família e escola	Qualitativa	Relatar o desenvolvimento de um projeto de adaptação escolar e, a partir de uma reflexão aprofundada, mostrar a importância do conhecer para a elaboração da prática pedagógica.
<i>Antecedentes cognitivos e socioemocionais do desempenho e do ajustamento escolar</i>	GARDINAL, E. C.	2007	110 crianças e seus respectivos professores, oito na educação infantil e doze na primeira série.	Teste Matriz Progressivas Coloridas de Raven, Prova de Rimas, Prova de Consciência Fonológica, Sondagem de Escrita Inicial, Leitura de Texto, TRF- Desempenho, Teste de Desempenho	Criança e escola	Qualitativa e quantitativa	Investigar associações entre indicadores de recursos e vulnerabilidades da criança, relevantes para o aprendizado escolar, avaliados no final da educação infantil, e indicadores de desempenho e ajustamento, avaliados no final da primeira série.

				Escolar, Avaliação Pedagógica, Questionário para caracterização do Comportamento da Criança no Ambiente escolar, TRF-ajustamento, Protocolo de Avaliação da Competência Social dos Alunos e Inventário de Fontes de Stress			
“Começar bem...do 4º para o 5º ano!”: a experiência de um projecto de apoio à transição do 1º para o 2º ciclo do ensino básico	GOMES, F. J. & CARVALHO, R. G.	2007	Diretores, professores e alunos de uma escola de educação básica.	Relato de professores e gestores, observação direta e bibliografia.	Criança e escola	Qualitativa	Propor um projeto que minimize o impacto gerado pela transição do 4º para o 5º ano escolar e prevenir problemas de mau adaptação, como a baixa autoestima.
O processo de adaptação: os primeiros dias da criança no ambiente escolar	GONÇALVES, J. P. & DAMKE, A. S.	2007	76 adultos entre 20 e 40 anos que se responsabilizavam pelas crianças.	Questionários com questões abertas e fechadas	Criança, família e escola	Qualitativa e quantitativa	Investigar qual a relação e entendimento dos responsáveis sobre o período de adaptação
<i>Stress, coping</i> e adaptação na transição para o	CORREIA, K. S. L. & PINTO, M.	Jan/jun. 2008	209 alunos que frequentavam o 5º ano de	Dados biográficos e questionários	Criança e escola	Qualitativa e	“Estudar os fenômenos de <i>stress, coping</i> e adaptação em alunos que transitaram para o segundo ciclo de

segundo ciclo de escolaridade: efeitos de um programa de intervenção.	A. M.		escolaridade pela primeira vez do ensino público de Lisboa	para análise de variáveis		quantitativa	escolaridade, comparando dois grupos que se beneficiaram de programas de intervenção relacionados com a transição e um grupo de controlo” (CORREIA e PINTO, 2008, p. 10)
Recursos da criança, da família e da escola predizem competência na transição da 1ª série.	TRIVELLATO-FERREIRA, M. C. & MARTURANO, E. M.	2008	70 crianças entre 6 e 8 anos, alunos da 1ª série de duas escolas públicas do município de Ribeirão Preto-SP.	Entrevistas semi-estruturadas; Inventário de Recursos do Ambiente Familiar; Teste de Matrizes Coloridas de <i>Raven</i> ; Prova de consciência fonológica; Teste de desempenho escolar; Avaliação do desempenho do professor; Avaliação do Ajustamento em Sala de Aula; Protocolo de Avaliação da Competência Social dos Alunos; Escala de Stress Infantil; e, Inventário de Estressores	Criança, família e escola	Qualitativa e quantitativa	Procura avaliar as competências utilizadas pelas crianças em seu processo de transição da 1ª série.

				Escolares.			
A atuação do psicólogo na transição escolar e suas contribuições para a gestão democrática na escola	FRANÇA, G. R.	2008	-----	Bibliografia	Criança, família e escola	Qualitativa	Analisar a atuação do psicólogo na transição do pré-escolar para a primeira série e a avaliar a participação do psicólogo na gestão democrática.
Tensões cotidianas na transição da primeira série: um enfoque de desenvolvimento	MARTURANO, E. M.	Jan/mar 2008	-----	Pesquisa bibliográfica e elaboração de tabelas	Criança, família e escola	Qualitativa e quantitativa	Formular um esquema teórico para gerar hipóteses e integrar resultados de pesquisas sobre o estresse na transição da 1ª série do ensino fundamental
Um estudo prospectivo sobre o estresse cotidiano na 1ª série	MARTURANO, E. M. & GARDINAL, E. C.	2008	110 crianças e seus professores	Inventário de Estressores Escolares, Teste de Desempenho Escolar, sondagem de leitura e questionários para avaliação do desempenho e do comportamento pelo professor	Criança, família e escola	Qualitativa e quantitativa	Investigar associações entre indicadores de desempenho e o estresse cotidiano da 1ª série.
Adaptação de crianças ao primeiro ano do ensino fundamental	RAPOPORT, A.; SARMENTO, D. F.; NÖRNBERG, M. & PACHECO, S. M.	Set/Dez 2008	-----	Pesquisa bibliográfica	Criança, família e escola	Qualitativa	O estudo busca problematizar e destacar a importância do período de adaptação no primeiro ano do ensino fundamental, que agora é de nove anos.

Estresse cotidiano na transição da 1ª série: percepção dos alunos e associação com desempenho e ajustamento.	MARTURANO, E. M.; TRIVELLATO-FERREIRA, M. C. & GARDINAL, E. C.	2009	171 crianças entre 6 e 8 anos, alunos da 1ª série de escolas públicas do município de Ribeirão Preto – SP, e 18 professores.	Inventário de Estressores Escolares, Teste de Desempenho Escolar, Avaliação do Desempenho e do Ajustamento pelo professor	Criança, família e escola	Qualitativa e quantitativa	“Avaliar a intensidade do estresse percebido, associado ao cotidiano escolar na transição da 1ª série, bem como investigar associações entre desempenho, ajustamento e estresse em domínios específicos da vida escolar” (MARTURANO, TRIVELLATO-FERREIRA e GARDINAL, 2009, p. 93)
Relação entre a perspectiva temporal e a adaptação à escola em alunos do 9º ano	NOBRE, A. S. R.	2009	134 estudantes do 9º ano de três escolas públicas do sistema educativo português.	Questionário de dados pessoais, Inventário de Perspectiva Temporal e Questionário de Adaptação Escolar	Criança, família e escola	Qualitativa e quantitativa	Estudar a relação entre Perspectiva Temporal e Adaptação Escolar.
Transição ao primeiro ano do ensino fundamental: percepção do estresse pelas crianças, suas características psicológicas e variáveis do seu contexto familiar.	STASIAK, G. R.	2010	39 crianças de duas turmas do primeiro ano do ensino fundamental, com suas respectivas professoras, mães e pais.	Escalas de Qualidade na Interação Familiar, Inventário de Estresse Parental, Escala de Comportamento da Pré-Escola e Jardim de	Criança, família e escola	Qualitativa e quantitativa	Verificar a intensidade do estresse escolar vivido pelas crianças e suas possíveis relações com: diferentes domínios da vida escolar, variáveis do contexto escolar, características psicológicas das crianças e variáveis do contexto familiar.

				Infância, Escala de Percepção do Autoconceito Infantil e Inventário de Estressores Escolares.			
--	--	--	--	---	--	--	--

ANEXO F:

PRODUÇÕES EM ENSINO SUPERIOR							
Título do trabalho	Autor	Ano de publicação	Número de participantes	Instrumento de coleta de dados	Sujeito focal	Tipo de pesquisa	Objetivos do estudo
Dificuldades de adaptação e de realização acadêmica no Ensino Superior: análise de acordo com as escolhas vocacionais e o ano de curso	ALMEIDA, L. S.; SANTOS, A. C.; DIAS, P. B.; BOTELHO, S. G. & RAMALHO, V. M.	1998	370 estudantes universitários do 1º e 2º ano.	Inventário de Vivências Acadêmicas	Jovens e adultos	Qualitativa e quantitativa	Apresentar dados descritivos das dificuldades de adaptação e realização acadêmicas apontadas por estudantes do Ensino Superior da Universidade do Minho, Portugal.
Transição e adaptação à universidade. Apresentação de um questionário de vivências acadêmicas (QVA)	ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C. & FERREIRA, J. A. G.	2000	1273 estudantes universitários	Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA)	Jovens e adultos	Qualitativa e quantitativa	Analisar o processo de transição e adaptação à universidade e apresentar o Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA).

Adaptação acadêmica em estudante do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso.	FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S. & SOARES, A. P. C.	2001	1273 estudantes universitários	Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA)	Jovens e adultos	Qualitativa e quantitativa	Analisar e avaliar entre os estudantes universitários, dimensões pessoais, interpessoais e contextuais da adaptação e sucesso acadêmico.
Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes do ensino superior: construção do Questionário de Vivências Acadêmicas	ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C. & FERREIRA, J. A. G.	2001	1273 estudantes.	Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA)	Jovens e adultos	Qualitativa e quantitativa	Apresentar a construção e validação de um questionário de vivências acadêmicas para estudantes universitários.
Vivências acadêmicas e rendimento escolar: estudo com alunos universitários do 1º ano.	SANTOS, L. & ALMEIDA, L. S.	2001	456 universitários	Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA)	Jovens e adultos	Qualitativa e quantitativa	Analisar as dimensões da adaptação acadêmica e o seu possível impacto no rendimento escolar dos estudantes.
Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA).	VENDRAMINI, C. M. M.; SANTOS, A. A. A.; POLYDORO, S. A. J.; SBARDELINI, E. T. B.; SERPA, M. N. F. & NATÁRIO, E. G.	2004	1118 universitários, sendo 54% homens entre 19 e 62 anos.	Elaboração e preenchimento de uma Escala de Avaliação da Vida Acadêmica, a qual investiga a percepção do aluno sobre condições contextuais, interacionais e pessoais em sua vida acadêmica.	Jovens e adultos	Qualitativa	Construção e validação de uma Escala de Avaliação da Vida Acadêmica (EAVA) para captar a autopercepção do aluno sobre sua vivência universitária.

O processo de adaptação ao Ensino Superior e o rendimento acadêmico: adaptação e rendimento acadêmico	CUNHA, S. M. & CARRILHO, D. M.	2005	100 estudantes do 1º ano	Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA) e análise do histórico escolar em três disciplinas fundamentais ao curso de ingresso.	Jovens e adultos	Qualitativa e quantitativa	Analisar em que medida as vivências acadêmicas dos alunos ingressantes no ensino superior se apresentam relacionadas com o rendimento acadêmico.
Integração acadêmica de estudantes universitários: Contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil	GRANADO, J. I. F.; SANTOS, A. A. dos; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. & GUISANDE, M. A.	2005	626 estudantes de duas universidades brasileiras, uma pública e outra particular.	Questionário de Vivências Acadêmicas, na sua versão reduzida (QVA-r)	Jovens e adultos	Qualitativa e quantitativa	Contribuir para a validação do Questionário de Vivências Acadêmicas, em sua forma reduzida, dentro da realidade brasileira.
Adaptação à Universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional.	DINIZ, A. M. & ALMEIDA, L. S.	2006	238 estudantes universitários	Escala de Integração Social no Ensino superior (EISES).	Jovens e adultos	Quantitativa	Testar um modelo estrutural que representa a interação com pares, o equilíbrio emocional e o bem estar social no momento de ingresso na universidade.
Transição, adaptação e xito escolar no Ensino Superior	ALMEIDA, L. S.	2007	-----	Estudo bibliográfico	Jovens, adultos e universidade	Qualitativa	Propor um modelo multidimensional integrando as variáveis aluno, professor e contexto acadêmico, para explicar o insucesso e o abandono escolar.

Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes	IGUE, E. A., BARIANI, I. C. D. & MILANESE, P. V. B.	jul/dez. 2008	203 estudantes universitários de um curso de psicologia, sendo 103 estudantes do 1º ano e 100 do último.	Questionário de Vivências Acadêmicas e uma questão sobre expectativas no período de ingresso à universidade	Jovens e adultos	Qualitativa e quantitativa	“Descrever as vivências acadêmicas de universitários, verificando se estas variavam em função do ano freqüentado, das expectativas dos alunos do 1º ano quanto as vivências que teriam no curso e das expectativas que os discentes do 5º ano tiveram ao entrar na universidade” (IGUE, BARIANI e MILANESE, 2008, p. 155)
Adaptação à universidade em jovens calouros	TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H. & OLIVEIRA, A. M.	2008	14 estudantes universitários.	Entrevistas semiestruturadas	Jovens	Qualitativa	Investigar a experiência de adaptação à universidade em jovens calouros.
Transição e Adaptação Acadêmica: reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho	ALMEIDA, L. S. & CRUZ, J. F. A.	2010	----	Estudo bibliográfico	Jovens, adultos e universidade	Qualitativa	Destacar algumas das dificuldades apresentadas por estudantes universitários no processo de transição e ajustamento, e a necessidade de se pensar institucionalmente a respeito.

ANEXO G: BIBLIOGRAFIA COMPLETA DAS PRODUÇÕES ANALISADAS

AMORIM, K. S.; VITORIA, T. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C.. Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 109, p. 115-144, março/ 2000.

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n109/n109a06.pdf>. Acessado em 18/09/2010.

AMORIM, K. S.; FERREIRA, M. C. R.; VITÓRIA, T.; ELTINK, C.; ALMEIDA, L. S.. Cap. 7. Processos de adaptação de bebês à creche. In: FERREIRA, M. C. R.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S. & CARVALHO, A. M. A. (Org.). Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano. 1ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004, p. 138-156.

AMORIM, K. S.; FERREIRA, M. C. R.. O sentido da adaptação à creche e à pré-escola. In: *Pátio* (Porto Alegre. 2002), Porto Alegre, v. 4, p. 10-12, 2004.

ALMEIDA, L. S. Transição, adaptação e xito escolar no Ensino Superior. In: *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxia e Educación*, v. 15, nº 2, Ano 11, 2007.

http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/7078/1/RGP_15-14_Cong.pdf. Acessado em: 28/07/2011.

ALMEIDA, L. S.; SANTOS, A. C.; DIAS, P. B.; BOTELHO, S. G. & RAMALHO, V. M. Dificuldades de adaptação e de realização acadêmica no Ensino Superior: análise de acordo com as escolhas vocacionais e o ano de curso. In: *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxia e Educación*, nº 2 (vol. 2) Ano 2º, 1998.

http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/6648/1/RGP_2-5.pdf. Acessado em: 28/07/2011.

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C. & FERREIRA, J. A. G. Transição e adaptação à universidade. Apresentação de um questionário de vivências acadêmicas (QVA). In: *Psicologia*, XIV (2), p. 189-208, 2000.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12069/1/Almeida%2c%20Soares%20%26%20Ferreira%2c%202000.pdf>. Acessado em: 23/07/2011.

_____ Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes do ensino superior: construção do questionário de vivências acadêmicas. In: *Methodus: Revista Científica e Cultural*, v. 3, n. 5, p. 3-20, 2001.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12082/1/Almeida%2c%20Soares%20%26%20Ferreira%2c%202001.pdf>. Acessado em: 27/07/2011.

ALMEIDA, L. S. & SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E. & POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). *Estudante universitário: características e experiências de formação*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

ALMEIDA, L. S. & CRUZ, J. F. A.. Transição e Adaptação Acadêmica: reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho. In: *Ensino Superior em Mudança: Tensões e Possibilidades*. UM. CIED. Actas do Congresso Ibérico, Braga, Portugal, 2010.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11543/1/Transi%C3%A7%C3%A3o%20e%20Adapt%C3%A7%C3%A3o%20Acad%C3%A9mica.pdf>. Acessado em: 27/07/2011.

BENTO, A. Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola: perspectivas dos alunos do 5º ano. Comunicação apresentada no *I Colóquio do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira "A Escola sob Suspeita"*, Universidade da Madeira, dez./2005.

<http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/54/1/BentoTransi%C3%A7%C3%B5es.pdf>. Acessado em: 21/07/2011.

BHERING, E. & SARKIS, A.. *A inserção de crianças na creche: um estudo sobre a perspectiva dos pais*. In: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT07-3293--Int.pdf>. Acessado em: 15/07/2011.

BOVE, C. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (orgs.) *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002, p. 134-149.

CASTOLDI, L., LOPES, R. C. S. & PRATI, L. E. O Genograma como instrumento de pesquisa do impacto de eventos estressores na transição família-escola. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 2, Porto Alegre, 2006.

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n2/a16v19n2.pdf>. Acessado em: 9/01/2011.

CORRÊA, E. S. Como criar um clima propício à adaptação. In: *Revista Pátio Educação Infantil*. Conteúdo exclusivo. 2008.

http://www.revistapatio.com.br/conteudo_exclusivo_conteudo.aspx?id=19

CORREIA, K. S. L. & PINTO, M. A. M. *Stress, coping* e adaptação na transição para o segundo ciclo de escolaridade: efeitos de um programa de intervenção. In: *Aletheia*, v. 27, n. 1, 2008.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942008000100002&script=sci_arttext&tlng=en.

Acessado em: 08/02/2011.

CUNHA, S. M. & CARRILHO, D. M. O processo de adaptação ao Ensino Superior e o rendimento acadêmico: adaptação e rendimento acadêmico. In: *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 9, nº 2, p. 215-224, 2005.

<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a04.pdf>. Acessado em: 28/07/2011.

DAVINI, Juliana; FREIRE, Madalena (Org). **Adaptação:** pais, educadores e crianças enfrentando mudanças. In: *Série Cadernos de Reflexão*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1999.

DIESEL, M. Adaptação Escolar: sentimentos e percepções do educador diante da questão. In: *Revista do Professor*. Porto Alegre, n. 19, p. 10-13, abr/jun 2003.

<http://www.revistadoprofessor.com.br/system/biblioteca/materias/adapt.pdf>. Acessado em: 20/07/2011.

DINIZ, A. M. & ALMEIDA, L. S. Adaptação à Universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. In: *Análise Psicológica*. 1(XXIV), p. 29-38, 2006.

DUARTE, M. P. *Período de adaptação na Educação Infantil: uma análise a luz da teoria de Henri Wallon*. Dissertação de Mestrado em Educação - PUC-SP São Paulo, 1997.

ESCARABOTO, K. M. Sobre a importância de conhecer e ensinar. In: *Psicol. USP*, São Paulo, v.18 n.4, 2007.

http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772007000400009&lng=es&nrm=iso. Acessado em: 30/01/2011.

ELMÔR, L. N. R. *Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo/USP, 2009.

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-24042009-093312/pt-br.php>. Acessado em: 18/09/2010.

ELTINK, C. F. *Indícios utilizados por educadores para avaliar o processo de adaptação de bebês a uma creche*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, 1999.

FERREIRA, G. V. *O impacto da adaptação de crianças na creche sobre os sentimentos maternos*. Projeto de Pesquisa para obtenção do grau de Especialista em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia/UFRGS, 2007.

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12295/000605262.pdf?sequence=1> . Acessado em: 30/01/2011.

FERREIRA, J. A., ALMEIDA, L. S. & SOARES, A. P. C. Adaptação acadêmica em estudante do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso. In: *Psico-USF*, v. 6, n. 1, jun. 2001.

http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-82712001000100002&script=sci_arttext.

Acessado em: 9/01/2011

FERREIRA, M. C. R., AMORIM, K. S. & VITÓRIA, T. A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. In: *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, n. 4, 35-40.

_____ Emergência de novos significados durante o processo de adaptação de bebês à creche. In: *Coletâneas da ANPPEP*. Recife, v. 1, n. 4, p. 111-143, set. 1996.

<http://www.infocien.org/Interface/Colets/v01n04a09.pdf>. Acessado em: 17/07/2011.

_____ Integração Família e Creche - o acolhimento é o princípio de tudo. In: MARTURANO, E. M.; LOUREIRO, S. R.; ZUARDI, A. W. (Org.). *Estudos em Saúde Mental*. Ribeirão Preto: FMR/USP, 1997, p. 107-129.

FERREIRA, M. C. R. & AMORIM, K. S. Relações Afetivas na Família e na Creche Durante o Processo de Inserção de Bebês. In: *II Simpósio Nacional de Educação Infantil e IV Simpósio Latino-Americano de Atenção à Criança de 0-6 Anos*, 1996, Brasília. Anais, p. 451-456, 1996.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001933.pdf#page=411>. Acessado em: 15/07/2011.

FERREIRA, M. C. R., VITÓRIA, T. & GOULARDINS, L. G. Quando a criança começa a frequentar a creche ou pré-escola. In: FERREIRA, M. C. R., MELLO, A. M., VITÓRIA, T., GOSUEN, A. & CHAGURI, A. C. *Os Fazeres na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.

FRANÇA, G. R. A atuação do psicólogo na transição escolar e suas contribuições para a gestão democrática na escola. In: WWW.psicologia.com.pt – o portal dos psicólogos, 2008.

<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0401.pdf>. Acessado em: 22/09/2010.

GARDINAL, E. C. *Antecedentes cognitivos e socioemocionais do desempenho e do ajustamento escolar*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2007.

GOMES, F. J. & CARVALHO, R. G. “Começar bem...do 4º para o 5º ano!”: a experiência de um projecto de apoio à transição do 1º para o 2º ciclo do ensino básico. In.: *Proposta de Comunicação apresentada à Comissão Científica do IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação – Educação Para o Sucesso: Políticas e Actores*, Universidade da Madeira, 2007.

GONÇALVES, J. P. & DAMKE, A. S. O processo de adaptação: os primeiros dias da criança no ambiente escolar. In:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-420-05.pdf>. Acessado em: 24/10/2010.

GRANADO, J. I. F.; SANTOS, A. A. A. dos; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. & GUISANDE, M. A. Integração acadêmica de estudantes universitários: Contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil. In: *Cadernos Psicologia e Educação* (1), 31- 41, 2005.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12089/1/Granado%2c%20Santos%2c%20Almeida%2c%20Soares%20%26%20Guisande%2c%202005.pdf>. Acessado em: 27/07/2011.

IGUE, E. A., BARIANI, I. C. D. & MILANESE, P. V. B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. In: *Psico-USF*, v. 13, n. 2, p. 155-164, jul/dez. 2008.

http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-82712008000200003&script=sci_arttext.

Acessado em: 9/01/2011.

LIPP, M. E. N. *Crianças estressadas: Causas, sintomas e soluções*. Campinas: Papirus, 2000.

LIPP, M. E. N.; ARANTES, J. P.; BURITI, M. S. & WITZIG, T. O estresse em escolares. In: *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 6, n. 1, p. 51-56, 2002.

<http://www.scielo.br/pdf/pee/v6n1/v6n1a06.pdf>. Acessado em: 22/07/2011.

LOPES, L. W. R.; MAGALHÃES, C. M. C. & MAURO, P. I. Interação entre pré-escolares: possibilidades de análises. In: *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 23 n. 4, p. 88-97, 2003.

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v23n4/v23n4a13.pdf>. Acessado em: 22/09/2010.

MACHADO, V. L. S.; SELEGATO, M. V.; BRAGA, A. L. A. & MARTINELLI, S. C. Ambientação à escola: atuação junto a um grupo de crianças iniciando o ciclo básico. In: *Paidéia*, p. 17-24, 1991.

MANTOVANI, S. & TERZI, N. A Inserção. In: BONDIOLI, A. & MANTOVANI, S. *Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MANZANO, C. S. & PINTO, F. S. C. N. A entrada na creche: a chegada dos bebês e suas vicissitudes. In: *An 6 Col. LEPSI IP/FE-USP*, 2006.

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000032006000100025&script=sci_arttext&tlng=pt. Acessado em: 24/10/2010.

MARTURANO, E. M. Tensões cotidianas na transição da primeira série: um enfoque de desenvolvimento. In: *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 13, n. 1, p. 79-87, Jan/mar. 2008.

<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a09.pdf>. Acessado em: 03/10/2010.

MARTURANO, E. M. & GARDINAL, E. C. (2008). Um estudo prospectivo sobre o estresse cotidiano na 1ª série. *Aletheia*, 27(1), 81-97.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942008000100007&script=sci_arttext. Acessado em: 21/07/2011.

MARTURANO, E. M.; TRIVELLATO-FERREIRA, M. C. & GARDINAL, E. C. Estresse cotidiano na transição da 1ª série: percepção dos alunos e associação com desempenho e ajustamento. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 93-101, 2009.

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n1/13.pdf>. Acessado em: 03/10/2010.

NOBRE, A. S. R. *Relação entre a perspectiva temporal e a adaptação à escola em alunos o 9º ano*. Dissertação de Mestrado – Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2009.

http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/903/1/18395_ulsd_dep.17712_Relacao_entre_a_PT_Ana%20Nobre.pdf. Acessado em: 20/07/2011.

NOVAES, M. H. *Adaptação escolar: diagnóstico e orientação*. Petrópolis: Vozes, 1975.

PANTALENA, E. S. *O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP, 2010.

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23062010-115822/pt-br.php>. Acessado em: 24/10/2010.

PICANÇO, M. B. M.; MOURÃO, B. L. A.; ANDRADE, N. F.; PEREIRA, C. F. & CORDEIRO, A. N. Inserção de crianças na creche UFF: Projeto Tempo para a Família. *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.

<http://www.ufmg.br/congrext/Educa/Educa104.pdf>. Acessado em: 15/07/2011.

RAPOPORT, A. *Da gestação ao primeiro ano de vida do bebê: apoio social e ingresso na creche*. Dissertação de Doutorado, Curso de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

_____ *Adaptação de bebês à creche: a importância da atenção de pais e educadores*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RAPOPORT, A.; SARMENTO, D. F.; NÖRNBERG, M. & PACHECO, S. M. Adaptação de crianças ao primeiro ano do ensino fundamental. In: *Educação*, Set-Dez, 2008, vol. 31, n. 65, p. 268-273. PUCRS, Porto Alegre.

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/484/3400>. Acessado em: 22/09/2010.

RAPOPORT, A. & PICCININI, C. A. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 14, n. 1, p. 81-95. Porto Alegre, 2001.

<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>. Acessado em: 18/09/2010.

_____ *Concepções de educadoras sobre a adaptação de bebês à creche*. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 17, n. 1, p. 69-78. Brasília, Jan-abr 2001.

<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v17n1/5407.pdf>. Acessado em: 18/09/2010.

REDA, M. G. & UJIIE, N. T. A educação infantil e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância. In: *IX Congresso Nacional de Educação: EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR*.

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2496_1090.pdf. Acessado em: 24/10/2010.

SANTOS, L. & ALMEIDA, L. S. Vivências acadêmicas e rendimento escolar: Estudo com alunos universitários do 1º ano. In: *Análise Psicológica*, 2 (XIX), p. 205-217, 2001.

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v19n2/v19n2a01.pdf>. Acessado em: 09/01/2011.

SARTORI, C. H. G. *Entrada da criança na escola e período de adaptação*. Campinas, Ed. Alínea, 2001.

SEDAE. *Posso entrar? ...uma reflexão sobre o início da vida escolar*. São Paulo, SE/DAE, 1981.

SOUSA, K. A. Adaptação da criança à creche: análise de indicadores internacionais e afetivos. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de São Paulo, USP, 2002.

STASIAK, G. R. *Transição ao primeiro ano do ensino fundamental: percepção do estresse pelas crianças, suas características psicológicas e variáveis do seu contexto familiar*. Dissertação de Mestrado – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

http://www.ppge.ufpr.br/teses/M10_stasiak.pdf. Acessado em: 03/10/2010.

STRENZEL, G. R. *A contribuição das pesquisas dos programas de pós-graduação em educação: orientações pedagógicas para crianças de 0 a 3 anos em creches*. n. 1., 2001. [Trabalho apresentado na 24ª Reunião Anual da ANPEd]

<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/tgistrenz.PDF>. Acessado em: 22/09/2010.

_____ Tempo de chegada na creche: conhecendo-se e fazendo-se conhecer. In: *Revista Zero a Seis*. Seção Cotidiano na Educação Infantil. Florianópolis, Brasil. N. 6, Ago/Dez. 2002.

http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/tempo_creche.pdf. Acessado em 13/12/2010.

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H. & OLIVEIRA, A. M. Adaptação à universidade em jovens calouros. In: *Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Impr)*, vol. 12, nº 1, Campinas, 2008.

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572008000100013&script=sci_arttext. Acessado em: 14/07/2011

TOURINHO, R. T. *Adaptação da criança na pré-escola e comportamento de apego/desapego: a constituição do vínculo afetivo criança e educador na pré-escola*. Trabalho de Conclusão de Curso no curso de psicologia da Universidade do Vale do Itajaí. Biguaçu, 2005.

<http://siaibib01.univali.br/pdf/Renata%20Travancas%20Tourinho.pdf>. Acessado em: 22/09/2010.

TRIVELLATO-FERREIRA, M. C. T. & MARTURANO, E. M. Recursos da criança, da família e da escola predizem competência na transição da 1ª série. In: *Rev. Interamericana de Psicologia [online]*, v.42, n.3, p. 549-558, 2008.

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v42n3/v42n3a15.pdf>. Acessado em: 03/10/2010.

TRIVELLATO-FERREIRA, M. C. *As tarefas de desenvolvimento da meninice e a transição para o ensino fundamental*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, 2005.

VENDRAMINI, C. M. M.; SANTOS, A. A. A.; POLYDORO, S. A. J.; SBARDELINI, E. T. B.; SERPA, M. N. F. & NATÁRIO, E. G. Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA). In: *Estudos de Psicologia*, 9(2), p. 259-268, 2004.

<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a07v9n2.pdf>. Acessado em: 30/01/2011.

UJIE, N. T. Adaptação: o ingresso na Educação Infantil. In: *Anais do 15º Congresso Nacional de Leitura do Brasil*. Campinas-SP: ALB/ UNICAMP, 5 a 8 de julho de 2005.

VITÓRIA, T. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Processos de adaptação na creche. In: *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n. 86, p. 55-64, ago. 1993. Acessado em: 18/09/2010.